



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

IONE LIMA DOS SANTOS RODRIGUES

**A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX
SOB A ÓTICA DE EDGAR ALLAN POE:
UMA (RE)LEITURA DE A QUEDA DA CASA USHER**

**CAETITÉ – BA
2025**

IONE LIMA DOS SANTOS RODRIGUES

**A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX
SOB A ÓTICA DE EDGAR ALLAN POE:
UMA (RE)LEITURA DE A QUEDA DA CASA USHER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II)
apresentado à Universidade do Estado da Bahia –
Departamento de Ciências Humanas Campus VI,
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Letras Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sigrid Rochele Gusmão
Paranhos Magalhães.

**CAETITÉ – BA
2025**

IONE LIMA DOS SANTOS RODRIGUES

**A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX
SOB A ÓTICA DE EDGAR ALLAN POE:
UMA (RE)LEITURA DE A QUEDA DA CASA USHER**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de licenciada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia.

Caetité, 18 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sigrid Rochele Gusmão Paranhos Magalhães
Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Prof^(a) Esp. Aline Teixeira Alves
Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Prof^(a) Me Luiz Roberto Resende dos Santos
Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

A literatura não apenas reflete a sociedade, mas a desafia, revelando o que há de mais sombrio e oculto na alma humana (Ione Rodrigues, 2024)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu grandioso e maravilhoso Deus, por cada dia, por cada dádiva e por me dar força e perseverança para não desistir dessa longa e exaustiva jornada. Agradeço a minha filha maravilhosa, minha eterna inspiração e motivação para lutar a cada dia para lhe dar um futuro melhor, agradeço por sua compreensão paciência e amor, mesmo nos momentos em que eu não podia lhe dar a atenção, pois os estudos tomavam boa parte do meu tempo, e que em muitas das vezes me esperava acordada durante a madrugada para me dar um abraço e ir dormir

A minha maravilhosa orientadora Dra. Sigrid Rochele, o meu sincero agradecimento por toda orientação, paciência e incentivo, sem os quais este trabalho jamais teria sido possível.

Ao meu esposo agradeço por estar ao meu lado e cuidar de mim, mesmo apesar de todas as inevitáveis atrapalhadas e choros por não querer que eu ficasse longe, isso mostrava seu cuidado e carinho por mim e sou extremamente grata por tê-lo ao meu lado.

A professora Keila por me aturar todos esses anos, com toda a minha loucura e a todo corpo docente da UNEB, em exclusivo ao professor Resende, que ao iniciar o curso não entendia uma palavra do que falava, mas ao chegar em determinado momento percebi que todo o seu conhecimento e cada palavra começavam a fazer sentido e a partir desse momento comecei o processo de amadurecimento mental e a refletir sobre “uma mão, não é só uma mão, é muito mais que isso”. Levo em meu coração cada um dos professores, mesmo que não citados aqui, porque cada um me ajudou para colocar um degrau em minha escada da trajetória da vida.

RESUMO

Este trabalho analisa o conto *A Queda da Casa de Usher* (2021), de Edgar Allan Poe, sob uma perspectiva crítica, social e simbólica, buscando compreender de que modo a narrativa expressa as tensões culturais, econômicas e morais da sociedade norte-americana do século XIX. A justificativa do estudo reside na pertinência da literatura gótica como instrumento de reflexão sobre dilemas históricos e sociais que ultrapassam seu tempo de produção. O objetivo consiste em interpretar o conto como alegoria da decadência moral e da alienação resultantes das transformações estruturais da modernidade emergente. A análise fundamenta-se nas perspectivas teóricas de Antônio Cândido (2006), Karl Marx (2014) e Max Weber (2003), que permitem compreender a mansão Usher e seus habitantes como símbolos da crise das estruturas sociais, econômicas e culturais da época. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, com análise literária, sociológica e simbólica da obra, relacionando seus elementos góticos e fantásticos ao contexto histórico do século XIX. Os resultados indicam que Poe não apenas constrói uma narrativa marcada pelo horror e pela atmosfera de ruína, mas também denuncia, de forma alegórica, a desintegração subjetiva e social de uma época em transição. Assim, o estudo reforça que a literatura gótica ultrapassa o entretenimento estético e constitui importante ferramenta crítica para compreender fragilidades e contradições presentes tanto no século XIX quanto na contemporaneidade.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Literatura Gótica; Sociedade Norte-Americana; Alienação Social; Decadência Moral.

ABSTRACT

This paper analyzes Edgar Allan Poe's short story, *The Fall of the House of Usher* (2021), from a critical, social, and symbolic perspective, seeking to understand how the narrative expresses the cultural, economic, and moral tensions of 19th-century North American society. The study is justified by the relevance of Gothic literature as an instrument for reflection on historical and social dilemmas that transcend their time of production. The objective is to interpret the short story as an allegory of the moral decadence and alienation resulting from the structural transformations of emerging modernity. The analysis is grounded in the theoretical perspectives of Antônio Cândido (2006), Karl Marx (2014), and Max Weber (2003), which allow for an understanding of the Usher mansion and its inhabitants as symbols of the crisis within the social, economic, and cultural structures of the era. Methodologically, a qualitative and interpretive approach was adopted, utilizing literary, sociological, and symbolic analysis to relate the work's Gothic and fantastic elements to the 19th-century historical context. The results indicate that Poe not only constructs a narrative marked by horror and an atmosphere of ruin but also allegorically denounces the subjective and social disintegration of an epoch in transition. Thus, the study reinforces that Gothic literature goes beyond aesthetic entertainment, constituting an important critical tool for understanding the fragilities and contradictions present in both the 19th century and contemporary times.

Keywords: Edgar Allan Poe; Gothic Literature; North American Society; Social Alienation; Moral Decadence.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
3 EDGAR ALLAN POE E A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX.....	18
3.1 EDGAR ALLAN POE: TRAJETÓRIA, ESTÉTICA E PAPEL SOCIAL	21
3.2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA NO SÉCULO XIX.....	24
4 ELEMENTOS GÓTICOS E FANTÁSTICOS NA LITERATURA: AS ESTÉTICAS DO SOMBRIO E DO IMAGINÁRIO	29
4.1 A NARRATIVA GÓTICA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	29
4.2 A NARRATIVA FANTÁSTICA: FRONTEIRAS, SIGNIFICADOS E FACETAS.	30
5 ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIAL DE A <i>QUEDA DA CASA DE USHER</i>.....	32
5.1 ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: CAMADAS ESTÉTICAS NO CONTO.	32
5.1.1 Isolamento e opressão: metáforas da alienação social.....	34
5.1.2 Decadência moral e social: a ruína como alegoria do século XIX.....	36
5.2 FIGURAS ALEGÓRICAS E SÍMBOLOS CENTRAIS.....	38
5.2.1 A casa como personagem e símbolo social.....	38
5.2.2 O narrador como alegoria e testemunha histórica.....	40
5.2.3 O duplo e os irmãos Usher.....	41
5.2.4 Natureza e solene simpatia.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	47

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura gótica surge no final do século XVIII e início do XIX, como uma ferramenta poderosa para explorar as tensões sociais e as ansiedades coletivas de uma época em transformação. Como observa Antônio Candido (2006, p. 77), “ela frequentemente opera com intenção grotesca e pode se tornar um verdadeiro Caliban das sustâncias e readquirir às avessas o cunho metafórico e simbólico”. Diante disso, verifica-se que este gênero literário utiliza elementos sombrios, grotescos e fantásticos para refletir sobre dilemas sociais e existenciais que transcendem barreiras temporais e culturais, trazidos em imagens sombrias as inquietações humanas e coletivas.

Walter Benjamin (1984) lembra que a alegoria é um recurso fundamental para compreender como as obras literárias transformam ruínas sociais e históricas em imagens poéticas carregadas de significados. Desta forma, a literatura gótica surge com um espaço privilegiado para a expressão das ansiedades sociais e dos medos coletivos diante de um mundo em transformação.

Escrito por Edgar Allan Poe, em 1839, *A Queda da Casa de Usher* é um exemplo emblemático desse estilo, retratando a decadência de uma aristocracia isolada e explorando temas como terror psicológico, alienação e deterioração moral. Mais do que um simples conto de horror, a obra se apresenta como uma alegoria da desintegração social em um período de rápidas transformações nos Estados Unidos do século XIX, impulsionadas pela industrialização, expansão territorial e desigualdades crescentes. Por meio dos irmãos Usher, Poe revela as angústias de uma sociedade em transição, utilizando o isolamento e a ruína como símbolos da desconexão moral e social.

O conto de Poe articula, em sua narrativa, elementos góticos e fantásticos que contribuem para a criação de uma atmosfera de *solene simpatia*, conceito elaborado por Northrop Frye (2000), segundo o qual a natureza e o ambiente refletem os estados emocionais dos personagens. O retorno de Madeline Usher, que coincide com um dia de tempestade, por exemplo, não é apenas um cenário, mas um prolongamento da ruína psicológica e social vivenciada pelos irmãos. Nesse contexto, a casa deixa de ser apenas um mero espaço físico e passa a ser um personagem que é o símbolo das estruturas sociais em colapso. Chevalier (2007) aponta que a casa, em sua ambiguidade, pode representar tanto a proteção quanto a ruína. No conto, a casa sintetiza a fragilidade de uma aristocracia que tenta preservar uma coesão fantasmagórica, mas que, de forma inevitável, se fragmenta.

Outro aspecto de grande relevância é a presença do duplo, analisado por Pierre Brunel (1998) como uma das estruturas centrais do imaginário literário. Em Poe, Roderick e Madeline configuram um duplo físico e psíquico: a ruína é compartilhada pelos gêmeos, refletindo, assim, a decadência de uma linhagem e, por extensão, de uma sociedade em decomposição. O narrador, que vem de uma terra distante e se figura como testemunha sobrevivente, desempenha um papel fundamental no sentido alegórico da obra. De acordo com a concepção benjaminiana de narrador que “vem de longe”, ele representa o remanescente de uma sociedade em ruínas: sua voz é a portadora da experiência e atua como mediadora entre o leitor e a ruína. Por meio da memória e da experiência da queda, confere credibilidade à narrativa, ao mesmo tempo em que simboliza a razão moderna confrontada com a desintegração moral e social.

A dimensão histórica não pode ser dissociada dessa leitura. Os Estados Unidos de Poe viviam o impacto da Revolução Industrial, a expansão territorial legitimada pelo *Destino Manifesto*, o avanço do capitalismo industrial e o aprofundamento das desigualdades sociais entre o Norte industrial e o Sul escravocrata. Essas transformações geraram ideologias nacionais que exaltavam o progresso, o individualismo e a racionalidade técnica, silenciando as violências sociais e as contradições subjacentes. Poe dirige sua crítica justamente a essas ideologias: ao nacionalismo triunfalista, ao ideal de progresso ilimitado e ao mito de uma nação homogênea, denunciando, em contrapartida, as ruínas éticas e existenciais de sua sociedade.

O conto evita idealizações e oferece uma visão crua e opressiva da realidade, intensificando o sentimento de decadência e corrupção. A casa em ruínas e seus habitantes perturbados funcionam como metáforas de uma sociedade que luta para preservar uma estabilidade ilusória, enquanto sucumbe à alienação e ao colapso moral. Nesse contexto, Poe utiliza o grotesco como um recurso essencial para provocar reflexões sobre as falhas e contradições da sociedade, uma abordagem característica da literatura gótica, ao recusar qualquer forma de reconciliação estética ou moral ao expor a ruína, a doença e o desequilíbrio como condições estruturais da existência, e não como desvios excepcionais.

Explorando temas como alienação, medo e corrupção interna, o conto revela-se uma análise crítica das angústias humanas em um período de transição. A escolha de investigar *A Queda da Casa de Usher* a partir de uma perspectiva crítica sobre decadência moral e isolamento social reflete o fascínio pela literatura gótica e sua capacidade de espelhar os dilemas de sua época. Com o suporte de teorias como as de Karl Marx (2014), Marx Weber (2003) e Antônio Cândido (2006) este estudo busca compreender a narrativa gótica como uma ferramenta eficaz para discutir questões sociais e éticas que continuam a ecoar na contemporaneidade.

Em conformidade com Antônio Candido (2006, p. 78), “certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser melhor compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. Nesse sentido, *A Queda da Casa de Usher*, de Edgar Allan Poe, reflete as transformações sociais e culturais do século XIX, utilizando o terror psicológico e o isolamento para simbolizar as contradições e instabilidades de uma sociedade em mudança. Assim como a família Usher, que busca preservar uma estabilidade ilusória, a sociedade do período enfrentava desmoronamento em suas estruturas, resultado de tensões econômicas e culturais.

Sob uma perspectiva marxista, o conto pode ser interpretado como uma crítica à acumulação de riquezas e à alienação gerada pela produção capitalista. Como afirma Marx, em seu livro *O capital* (2014, p. 57), “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias, e a mercadoria isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza”. Essa visão se aplica à decadência dos Usher, cuja obsessão pela posse e pelo passado reflete os efeitos corrosivos de um sistema centrado no acúmulo e na mercantilização das relações sociais. A casa em ruínas e os habitantes perturbados simbolizam a desconexão e a exteriorização que resultam desse modelo, evidenciando o vazio e a fragilidade de um legado construído sobre bases materialistas.

Com base nessa análise, o problema de pesquisa deste estudo é: De que maneira o conto *A Queda da Casa Usher* pode ser compreendido como uma alegoria crítica das tensões sociais, culturais e econômicas da sociedade norte-americana do século XIX?

Com base no problema de pesquisa, formula-se as seguintes perguntas de pesquisa:

Quais aspectos da sociedade norte-americana do século XIX estão representadas em *A Queda da Casa de Usher*?

Como a estética gótica construída por Poe reflete tensões sociais decorrentes da industrialização e da expansão capitalista no século XIX?

De que forma o terror psicológico e o isolamento representados no conto funcionam como metáforas da alienação e da deterioração moral da sociedade da época?

Como o conto problematiza a relação entre riqueza, posse e alienação no contexto do capitalismo no século XIX?

O objetivo geral deste estudo, fundamentado no problema de pesquisa, foi analisar o conto *A Queda da Casa de Usher* (1839), de Edgar Allan Poe, como uma alegoria crítica das transformações sociais, culturais e econômicas na sociedade norte-americana do século XIX, discutindo como a estética gótica e fantástica revelam neste conto tensões, contradições e processos de alienação característicos da modernidade emergente.

A pesquisa teve como enfoque os elementos simbólicos presentes no conto, como a casa em ruínas, os irmãos Usher e o narrador. Este, conforme observa Walter Benjamin (1984), representa o saber que “vem de longe” e confere credibilidade à narrativa por meio da experiência e da distância. Tais elementos permitem discutir a decadência moral e social, bem como as consequências das transformações econômicas e políticas da época.

Os objetivos específicos desta pesquisa tiveram como propósito organizar e direcionar as etapas necessárias para o alcance do objetivo geral, assegurando uma análise crítica e abrangente fundamentada no conto *A Queda da Casa de Usher*. Cada objetivo representa um componente essencial na construção do estudo, permitindo uma investigação articulada das conexões entre o contexto social do século XIX e os elementos narrativos da obra. Além disso, os objetivos específicos buscaram promover uma interpretação aprofundada dos aspectos simbólicos e temáticos da obra, destacando seu potencial para refletir sobre questões sociais, culturais e econômicas de sua época. Diante disso, foi proposto quatro objetivos específicos para orientar este estudo, conforme descrito a seguir:

Identificar os aspectos sociais, culturais e econômicos da sociedade norte-americana do século XIX representados no conto *A Queda da Casa de Usher*.

Examinar como a narrativa gótica e fantástica construída por Poe articula temas como ruína, decadência e instabilidade para refletir tensões do período, especialmente as decorrentes da industrialização e da expansão capitalista.

Analisar de que modo o terror psicológico, o isolamento e a fragilidade subjetiva dos personagens funcionam como metáforas da alienação e da deterioração moral da sociedade da época.

Avaliar como elementos de riqueza, posse e hereditariedade presentes na narrativa problematizam as contradições do capitalismo em ascensão no século XIX.

Dito isso, este estudo buscou compreender como as transformações sociais, econômicas e culturais do século XIX impactaram a literatura norte-americana, analisando de que modo Edgar Allan Poe utilizou o gênero gótico para refletir essas mudanças. A industrialização, a expansão territorial e o aumento das desigualdades sociais criaram um cenário de profundas tensões, no qual temas como medo, alienação e decadência moral emergem como centrais na obra de Poe. Nesse contexto, *A Queda da Casa de Usher* transcende sua classificação como uma narrativa de terror, apresentando-se como uma crítica incisiva às contradições de uma sociedade em transição, marcada pelo avanço do capitalismo.

O conto dialoga com teorias sociais, como as de Karl Marx, por exemplo, ao expor o impacto das transformações econômicas sobre as relações humanas e a desintegração social em

uma sociedade cada vez mais individualista e capitalista. Por meio de elementos simbólicos, como a casa em ruínas e seus habitantes deteriorados, Poe revela as dinâmicas de alienação e corrupção interna que permeavam os Estados Unidos do período. Esses símbolos oferecem uma base fecunda para reflexões éticas e sociais que ainda ressoam na contemporaneidade.

A escolha de *A Queda da Casa de Usher* não apenas contribui para a compreensão da literatura gótica, mas também insere o conto em um debate mais amplo sobre as dinâmicas sociais e éticas. Isso ocorre porque Poe desloca conflitos coletivos para o espaço simbólico da narrativa, convertendo a ruína material, a degradação familiar e o colapso psíquico dos personagens em metáforas das contradições que atravessam a organização social, a razão moderna e os valores morais de sua época. Dessa forma, a obra de Poe pode ser entendida como uma crítica atemporal às falhas e à decadência das estruturas sociais, mantendo sua relevância como fonte de reflexão sobre dilemas que transcendem gerações. Ao investigar como Poe representou as tensões e contradições de sua época, este trabalho buscou evidenciar a literatura como uma ferramenta de reflexão crítica sobre questões éticas, sociais e econômicas.

Por fim, este estudo nasceu do meu interesse em explorar as conexões entre literatura, história e sociedade, investigando como a arte atua como um espelho crítico das transformações sociais. A análise da obra de Poe reflete meu fascínio pela literatura gótica, que vai além do terror e da fantasia ao abordar temas como isolamento, decadência moral e desconexão, ainda ressoantes nos dias de hoje.

Este trabalho está organizado em seis seções, além das referências, com o propósito de oferecer um percurso claro e fundamentado para este estudo. Essa estrutura busca garantir uma compreensão abrangente do contexto histórico e teórico que embasa e orienta a pesquisa, além do detalhamento da análise do conto *A Queda da Casa de Usher*. Cada seção desempenha um papel específico e interconectado no desenvolvimento da pesquisa, conforme descrito a seguir:

1. Considerações iniciais: esta seção apresenta a introdução ao tema, destacando a relevância da literatura gótica como forma de crítica social e moral. São definidos o problema e as perguntas de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, além de justificar a pertinência do estudo e a organização do trabalho.

2. Caminhos Metodológicos: esta seção descreve a abordagem metodológica adotada para análise do conto *A Queda da Casa de Usher*. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, centrada na interpretação textual da obra e no estudo das relações entre os elementos simbólicos e os contextos sociais e culturais presentes no conto. Justifica-se a seleção das fontes

teóricas e literárias utilizadas, detalhando-se as etapas da pesquisa e sua conexão com os objetivos propostos, sem se aprofundar na discussão sobre o método qualitativo em si.

3. Edgar Allan Poe e o contexto social do século XIX: aqui, investigou-se o contexto histórico, social e cultural dos Estados Unidos no século XIX, com destaque para os elementos que influenciaram a produção literária de Edgar Allan Poe. Onde são discutidas as transformações econômicas, como a industrialização e a expansão territorial, que moldaram a sociedade e, por extensão, a literatura do período. Inclui-se uma breve biografia de Poe, destacando aspectos que impactam diretamente sua obra.

4. Elementos Góticos e Fantásticos em *A Queda da Casa de Usher*: esta seção examinou os aspectos góticos e fantásticos do conto. E são apresentados os conceitos fundamentais desses gêneros, com ênfase em suas origens, funções narrativas e estratégias simbólicas, que envolvem atmosferas de inquietação, ambiguidades perceptivas, espaços decadentes e eventos inexplicáveis. Analisou-se como essas estéticas produzem experiências de estranhamento, revelam conflitos subjetivos e sugerem realidades que extrapolam o racional. A partir desse referencial, foi possível compreender como tais categorias se articulam a crítica social, moral e psicológica em narrativas literárias e discutida suas manifestações na narrativa de Poe. Foi analisado como esses elementos constroem a atmosfera de terror psicológico e reforçam a crítica social e moral presentes na obra.

5. *A queda da casa de Usher* como Retrato da Sociedade Norte-Americana do Século XIX: nesta seção contém a análise do conto como uma alegoria das tensões e contradições sociais da época. São explorados temas como isolamento, opressão, decadência moral e alienação social. A interpretação crítica é baseada nos aportes teóricos de Karl Marx (2014), Max Weber (2003) e Antônio Cândido (2006), evidenciando como Poe utiliza a narrativa gótica para questionar os valores e as estruturas da sociedade norte-americana do século XIX.

6. Considerações Finais: esta seção final sintetiza os principais resultados da pesquisa, respondendo às questões propostas e avaliando a relevância contemporânea da obra de Edgar Allan Poe. Busca-se, ainda, refletir sobre o modo como a narrativa gótica, em *A Queda da Casa de Usher*, transcende o horror literário para se constituir como uma crítica atemporal às falhas das estruturas sociais e morais.

Por fim, nas Referências são apresentadas a lista completa de obras e fontes consultadas, garantindo a transparência e a fundamentação teórica da pesquisa.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste estudo foi baseada em uma abordagem qualitativa e interpretativa, com foco na leitura crítica e na análise simbólica do conto *A Queda da casa de Usher*. O objetivo foi investigar de que modo Edgar Allan Poe utiliza elementos góticos e fantásticos para construir uma crítica social, articulando literatura, história e sociedade.

A pesquisa segue a concepção de Cândido (2006), segundo a qual a obra literária constitui um sistema de signos em relação dinâmica com seu contexto histórico e social. Dessa forma, compreende-se a literatura como forma de conhecimento e expressão simbólica das contradições sociais de sua época. A partir desse princípio, a análise foi organizada em três frentes metodológicas complementares:

Análise Literária: nesta etapa, o foco voltou-se para os elementos góticos e fantásticos presentes no conto e para o modo como contribuem para a construção de uma atmosfera de terror psicológico e crítica social. De acordo com Todorov (1980, p.16), “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Essa definição foi fundamental para compreender como Poe explorou o limiar entre o imaginário e o real, provocando inquietação psicológica e moral. Partindo desse princípio, o fantástico não se limita ao sobrenatural, ele funciona como metáfora das incertezas humanas diante das transformações sociais.

Análise Sociológica: apoiada nas teorias de Marx (2014) e Weber (2003), esta etapa buscou compreender como Poe reflete, no conto, as tensões sociais, econômicas e políticas do século XIX, com ênfase em temas como alienação, riqueza e fragmentação social. Para decodificar o estranhamento que corrói os personagens e o cenário da narrativa, o aporte marxista é de fundamental importância, pois Marx concebe alienação do trabalho como perda do produto e da própria essência humana, resultante da apropriação dos frutos do trabalho pelo capitalista. Como adverte Marx (2014, p. 2019) “o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador”. Essa ideia serviu como base para esta pesquisa, permitindo interpretar a decadência da casa de Usher como manifestação simbólica da desintegração dos personagens. Weber (2003), por sua vez, analisa o processo de racionalização e desencantamento do mundo como marcos da modernidade, perspectiva que possibilitou compreender a ruína espiritual representada em *A Queda da Casa de Usher*.

Análise Simbólica: esta etapa investigou os símbolos centrais do conto, especialmente a casa de Usher, examinando como eles representam a decadência moral, espiritual e social da sociedade americana do século XIX. Chevalier (2007) aponta que a casa simboliza o “ser”

interior, o abrigo e o centro da intimidade, mas, quando em ruínas, pode representar prisão, túmulo e colapso. Essa dualidade simbólica permitiu interpretar a mansão Usher como metáfora da ruína social e espiritual da aristocracia retratada por Poe. Walter Benjamin (1994, p.202), discute o saber que “vem de longe”, conceito que remete à figura do narrador, como aquele que chega de fora e carrega consigo a experiência. Essa concepção foi aplicada à leitura do narrador em Poe, pois sua voz distante e reflexiva confere credibilidade à narrativa e atua como mediadora entre leitor e a decadência dos Usher. Assim, tanto a casa quanto o narrador funcionam como símbolos estruturais que revelam a desintegração moral e social representada no conto.

Com essas diferentes abordagens metodológicas, o estudo buscou construir uma análise abrangente da obra, considerando suas dimensões literária, social e simbólica. Certamente, essa integração permitiu compreender como esses aspectos se interconectam para transmitir a mensagem crítica de Poe sobre a sociedade de sua época. Como afirma Cândido (2000, p.45), “a literatura organiza simbolicamente a experiência social, devolvendo ao leitor uma imagem crítica do real”. Desta forma, o percurso metodológico adotado proporcionou uma leitura que une o rigor analítico a sensibilidade estética, utilizando a literatura gótica como ferramenta de reflexão sobre o humano e o social, revelando, desse modo, todo o seu potencial crítico.

3 EDGAR ALLAN POE E A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX

Edgar Allan Poe é amplamente reconhecido como um dos escritores mais visionários do século XIX, explorando temas que dialogam diretamente com as transformações sociais, culturais e econômicas da sociedade norte-americana de sua época. Poe viveu em um período marcado por profundas mudanças, como a industrialização, a expansão territorial e o aumento das desigualdades sociais, que influenciaram diretamente sua produção literária (Magalhaes Jr., 1972, p.15).

Um dos principais aspectos da obra de Poe é sua habilidade em integrar elementos sombrios e góticos às inquietações sociais de seu tempo. Ele utilizava a literatura como um espelho crítico, revelando a decadência moral e o isolamento social que permeavam a aristocracia norte-americana. De acordo com Cândido (2006), a literatura pode se tornar um reflexo das tensões e contradições de uma sociedade em transformação, algo que se evidencia nas obras de Poe, especialmente no conto *A Queda da casa de Usher*.

A obra de Poe se destaca não apenas por seu estilo literário, mas também pela complexidade psicológica que ele incorpora nas histórias. O autor se tornou um mestre da exploração do estado psicológico de seus personagens, muitas vezes refletindo sobre questões de loucura, obsessão e culpa. Em contos como *O Coração Delator* (1843) e *O Poço e o Pêndulo* (1842), Poe revela como seus personagens se perdem na fronteira entre a razão e a loucura, ilustrando os medos existenciais da época e questionando a fragilidade da mente humana. A obsessão e o desespero que caracterizam muitos de seus protagonistas refletem, de maneira mais ampla, uma sociedade que estava se afastando de seus valores tradicionais, lidando com os efeitos de uma rápida modernização e industrialização (Bessa, 2010, p.44-55; Bresciani, 1994, p.18-21).

A crítica ao avanço da industrialização e ao processo de mecanização da vida é, embora não diretamente explícita nas obras de Poe, uma característica indireta de sua escrita. O crescente distanciamento das relações humanas e a alienação do indivíduo em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e pelas máquinas são temas que podem ser inferidos em muitas de suas histórias. A alienação, especialmente no contexto das classes aristocráticas em decadência, é uma resposta, ainda que velada, ao impacto da revolução industrial na sociedade norte-americana, onde as velhas tradições e formas de vida estavam sendo constantemente desafiadas (Charlot, 1993; Karnal, 2007, p.154-158). Esse cenário também dialoga com os processos de transformação urbana e social vivenciados nas metrópoles ocidentais no século

XIX, marcadas pela desigualdade, pelo crescimento das cidades e pela reorganização dos modos de vida (Bresciani, 1994, p. 11-12; Nabuco, 2000, p. 50-57; Bessa, 2010, p. 44-50).

Dessa forma, compreender o ambiente social e histórico que permeia a primeira metade do século XIX nos Estados Unidos, um período marcado pela industrialização, urbanização e reorganização das sensibilidades coletivas, torna-se fundamental para entender a atmosfera de decadência, isolamento e crise moral presente em narrativas como *A Queda da Casa de Usher*. As tensões entre tradição e modernidade, o esvaziamento das relações humanas e o sentimento de ruína subjetiva são aspectos habilmente traduzidos por Poe por meio de uma imagética sombria e profundamente alegórica.

Cândido (2006, p.138) observa que “a literatura se adaptou muito bem ao permitir, e mesmo forçar, a preeminência da interpretação poética da descrição subjetiva, da técnica metafórica da visão de uma palavra”. Essa afirmação nos remete a passagem da literatura de uma função meramente descritiva para uma dimensão simbólica e interpretativa, que ao invés de reproduzir o real, a obra literária passa a transformá-lo através da linguagem, trazendo estados interiores e visões subjetivas. Em *A Queda da Casa de Usher* essa concepção se manifesta através da construção metafórica do espaço e dos personagens, a casa, o ambiente e os corpos são imagens poéticas. Poe, ao explorar o gótico e o macabro, utiliza essas técnicas para não apenas descrever uma paisagem sombria, mas para expressar a corrupção moral e o vazio existencial das figuras centrais em suas narrativas.

Esse conceito do vazio existencial remete à passagem, no campo literário, de uma função predominantemente descritiva para uma dimensão simbólica e interpretativa, que, em vez de simplesmente reproduzir o real, passa a instaurá-lo por meio da linguagem, revelando estados interiores e significações subjacentes. *A Queda da Casa de Usher*, com sua atmosfera de isolamento e destruição iminente, é um exemplo claro dessa técnica, onde o cenário físico da casa reflete o estado psicológico dos personagens. Esse vazio vai emergir como resultado da perda de sentido e da fragmentação do sujeito moderno, que é incapaz de encontrar estabilidade em meio as transformações sociais e morais do século XIX.

Poe, em *A queda da Casa de Usher*, revela um vazio existencial que se traduz na estagnação dos personagens, no isolamento da casa e na atmosfera de ruína, os quais simbolizam a desintegração da existência humana diante do colapso das certezas e dos valores tradicionais. Dessa forma, o horror não reside apenas na morte ou no sobrenatural, mas na percepção angustiante do nada, na consciência de que a vida se torna um espaço de silêncio e desespero. Essa concepção aproxima sua obra da visão moderna do homem como um ser em crise, deslocado e aprisionado em um mundo que perdeu sua unidade simbólica.

Poe é um escritor do pessimismo, sendo suas obras muitas vezes permeadas pela ideia de que o mal é uma força inevitável e cósmica. Ele questiona o sentido da vida, a existência e o destino humano, criando personagens que, de alguma forma, estão à mercê de forças maiores e mais sombrias. Esse olhar pessimista sobre o mundo é uma crítica velada às promessas de progresso e crescimento que caracterizavam os Estados Unidos da época. Poe, ao contrário dos otimismo e do idealismo frequentemente associados ao nacionalismo americano, escolheu focar nos aspectos mais sombrios e paradoxais da condição humana.

Cândido (2006, p.133) também adverte que "toda a renovação intelectual do naturalismo, nos parece hoje, sobretudo, como um sistema de retórica. Bacharéis de mente acesa, alastrando de literatura, e mesmo literatice". Com isso, o teórico sugere uma crítica ao movimento naturalista que se via em seu auge na época. Poe, ao contrário, foge dessa abordagem mais rígida e objetiva, utilizando a literatura como uma ferramenta mais subjetiva, voltada para a exploração das profundezas da psique humana e das tensões existenciais, ao invés de se prender a uma mera representação da realidade. Essa escolha reflete sua preocupação com a alienação e a fragmentação da identidade, temas centrais para a compreensão de sua obra.

Ainda em sua análise sobre as transformações sociais, Cândido (2006, p.141) considera que "a inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elementos construtivos da sociedade". Poe também reflete essa mudança, em parte, ao descrever o declínio das velhas estruturas aristocráticas e o impacto das mudanças sociais que afetavam as classes mais altas, representadas na figura da família Usher. A crise de identidade e o desespero dos personagens podem ser interpretados como um reflexo das ansiedades e medos de uma sociedade que estava perdendo suas antigas bases.

Por fim, Cândido (2006, p.159) destaca que Poe "realçou as tendências satânicas tão características do meado do século, selecionando as do sentimentalismo e do nacionalismo". A obra de Poe, em sua intensidade emocional e no tom sombrio, pode ser vista como uma crítica às ideologias nacionais que, ao tentar consolidar um imaginário coletivo, mascaravam as desigualdades e tensões internas da sociedade americana. Poe, portanto, não só contribuiu para a construção literária de seu tempo, mas também questiona e expõe as sombras dessa nova identidade nacional.

Diante desse panorama, as próximas subseções examinarão como Edgar Allan Poe articulou sua produção literária a partir de uma sensibilidade crítica voltada para os dilemas históricos e culturais de seu tempo. Inicialmente, será discutida a forma como seu estilo gótico ultrapassa o mero propósito estético, dialogando com questões sociais, morais e psicológicas emergentes no século XIX. Em seguida, será analisado como Poe pode ser compreendido como um escritor visionário cujo a obra expressa, por meio de alegorias, atmosferas sombrias e tensões emocionais, os conflitos e inquietações que permeavam o processo de construção da identidade americana. Desse modo, o estudo avança da contextualização geral para a interpretação específica de suas narrativas, destacando sua singularidade literária e seu papel crítico diante da modernidade.

3.1 EDGAR ALLAN POE: TRAJETÓRIA, ESTÉTICA E PAPEL SOCIAL

Edgar Allan Poe é amplamente reconhecido como um dos maiores expoentes da literatura gótica, mas sua relevância transcende os limites de seu estilo literário. Ele desafiou o conservadorismo literário de sua época, utilizando suas narrativas para refletir e questionar os valores sociais e morais de um período de grandes transformações nos Estados Unidos. Sua literatura repleta de simbolismo, vai além do horror ao explorar as complexidades da existência humana e o colapso das certezas que sustentavam sua sociedade. Nesse contexto, Antônio Cândido (2006, p. 28) observa que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. Assim, as obras de Poe não apenas dialogam com as angústias do século XIX, mas também oferecem uma análise crítica de questões universais, como a alienação, a decadência e o enfrentamento da mortalidade.

Um dos aspectos mais notáveis da obra de Poe é sua habilidade de unir o sombrio e o grotesco a reflexões profundas sobre a condição humana. Em *A Queda da Casa Usher*, por exemplo, a decadência física da mansão espelha a desintegração psicológica de seus habitantes, constituindo uma metáfora poderosa para a fragilidade emocional e os problemas estruturais de uma sociedade em crise. Essa abordagem dialoga com a perspectiva de Cândido (2006, p. 21), que afirma que a arte “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”. Poe utiliza a narrativa gótica para revelar os medos mais profundos de sua época o colapso das instituições tradicionais e a crescente desconexão entre o homem e o mundo ao seu redor. Sua escrita busca despertar uma experiência estética e emocional que ultrapassa a simples representação da realidade. O próprio Poe afirmou isso que “a poesia é a criação rítmica da beleza em palavras”,

e essa beleza, em sua obra, nasce do trágico, do sombrio e do inexplicável. Dessa forma, ao transformar o horror e o desespero em arte, Poe não apenas expressa o caos de seu tempo, mas também convida o leitor a refletir sobre a fragilidade da condição humana e sobre o vazio existencial que permeia a modernidade.

Poe não era apenas um escritor dedicado ao terror psicológico ou à fantasia sombria, ele também se destacou como um crítico social. Suas histórias, frequentemente permeadas por temas de isolamento e loucura, podem ser interpretadas como reflexões sobre a alienação provocada pela modernidade emergente. Nesse sentido, suas obras dialogam diretamente com a ideia de que a literatura é simultaneamente um reflexo e um agente transformador das relações sociais.

De modo expresso, Cândido (2006, p. 27) enfatizou que “o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor: possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única”. Esse "espelho" particular de Poe permitiu-lhe transformar suas experiências pessoais marcadas pela pobreza, pelo luto e por uma vida repleta de dificuldades em narrativas que capturam as tensões mais profundas de sua época, se inserindo em um contexto histórico marcado pela solidão urbana, pela precarização social e pela desagregação humana característica do século XIX (Bresciani, 1994, p. 18-21; Charlot, 1993, p.47-53). Ao mesmo tempo, suas obras possuem um apelo universal, transcendente ao tempo e ao espaço. As angústias de seus personagens, muitas vezes expressas por meio de obsessões com a morte, decadência e perda, dialogam com questões atemporais da psique humana (Bessa, 2010, p.44-50).

Sendo assim, ainda em conformidade com Cândido (2006), a literatura não apenas reflete, mas também molda o pensamento e as emoções de seu público, deixando um impacto duradouro na forma como enxergam o mundo. Nessa direção, Poe não foi apenas um escritor de histórias sombrias, mas um verdadeiro ator social. Sua obra continua a provocar reflexões profundas sobre as contradições entre progresso e decadência, razão e loucura, indivíduo e sociedade, aspectos esses que dialogam com tensões vivenciadas na formação cultural e moral dos Estados Unidos (Nabuco, 2000, p. 230-260).

Nesse ínterim, é importante situar que a escolha estética de Poe em trabalhar com o sombrio e o grotesco não foi meramente decorativa, mas profundamente estratégica. Ele utilizou esses elementos para criticar, de forma indireta, os valores de uma sociedade em transformação, especialmente a ascensão do materialismo e a perda de vínculos emocionais em meio ao progresso econômico, fenômenos associados às mudanças sociais e produtivas da modernidade (Karnal 2007, p.154-158). Essa tensão é evidente em várias de suas obras, como

em *O Retrato Oval* (1842), em que a obsessão por capturar a perfeição artística culmina na destruição da vida real, uma metáfora clara do sacrifício humano em nome do ideal ou do progresso. Cândido (2006) reforça essa perspectiva ao afirmar que a literatura, mesmo sem plena consciência de seus artistas ou receptores, age sobre o público, reforçando ou questionando valores sociais.

O legado de Edgar Allan Poe ultrapassa sua contribuição ao gênero gótico, posicionando-o como um dos escritores mais influentes de sua época e de toda a literatura moderna. Ele transformou o sombrio em uma ferramenta poderosa para explorar a complexidade do espírito humano e as contradições de sua sociedade. Sua obra permanece relevante não apenas por seu apelo estético, mas também por sua profundidade filosófica e pela crítica implícita às incertezas e aos dilemas que ainda ecoam na modernidade (Nabuco, 2000, p. 230-260; Bessa, 2010, p. 44-50). Ao iluminar as zonas mais obscuras da experiência humana, Poe nos desafia a refletir sobre nossas próprias fragilidades e sobre as forças que moldam nossa percepção do mundo. Dessa forma, ele se consolida não apenas como um escritor visionário, mas também como um ator social de impacto duradouro, cuja obra continua a inspirar e provocar reflexões.

3.2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA NO SÉCULO XIX

Os Estados Unidos, colonizados pelos ingleses entre os séculos XVI e XVII, conquistaram sua independência no final do século XVIII. Embora tenham mantido a língua inglesa, os americanos buscavam romper com as influências literárias europeias para construir uma expressão artística autêntica, capaz de refletir as particularidades da nova nação. Essa busca por uma identidade cultural distinta emergiu em um contexto de rápidas transformações sociais e econômicas, marcado por contrastes profundos entre o norte industrializado e o sul agrário do país (Karnal *et al.*, 2007).

Ainda, de acordo com Karnal *et al.* (2007), no início do século XIX, Nova York desponta como um importante centro comercial e financeiro, com uma população de aproximadamente 500.000 habitantes. Sua posição estratégica a consolidou como o epicentro da nascente indústria editorial americana, impulsionada pelo crescente aumento populacional e pela demanda por leitura e entretenimento. Em contraste, o Sul dos Estados Unidos era dominado por uma economia agrícola sustentada pela exploração do trabalho escravizado. Essa dualidade econômica e social refletia os desafios enfrentados pela literatura americana na busca

por uma identidade própria, capaz de transcender as influências europeias e expressar as particularidades de uma nação em formação.

Outro entrave significativo ao desenvolvimento da literatura americana no início do século XIX era a ausência de leis efetivas de direitos autorais, o que dificultava a profissionalização dos escritores. Muitos autores não eram devidamente remunerados por suas publicações, tornando a atividade literária altamente dependente do apoio financeiro das elites. Foi nesse ambiente de contraste e tensões que Edgar Allan Poe surgiu como uma figura essencial na construção de uma literatura americana distinta.

O contexto histórico também desempenhou um papel central na formação da visão crítica de Poe. Durante o século XIX, os Estados Unidos consolidaram-se como nação independente, fortalecendo suas instituições políticas, expandindo suas fronteiras e desenvolvendo um sentimento nacionalista. Eventos marcantes, como a Marcha para o Oeste e a Guerra de Secessão, impactaram profundamente a sociedade norte-americana, moldando as condições sociais e culturais que influenciaram a produção literária do período (Karnal *et al.*, 2007).

A Marcha para o Oeste foi um período de expansão territorial dos Estados Unidos, realizado por meio da diplomacia, compra de terras e conflitos armados. Entre os territórios adquiridos destacam-se a Luisiana (1803), comprada da França; a Flórida (1819), cedida pela Espanha; e o Alasca (1867) adquirido da Rússia. Além disso, guerras com o México resultaram na anexação de territórios como a Califórnia, Arizona e Novo México, consolidando o controle americano sobre uma vasta extensão do continente.

Esse processo de expansão territorial, legitimado pela ideologia do Destino Manifesto¹ trouxe graves consequências para as populações indígenas, que foram forçados a abandonar suas terras ancestrais. A violência contra essas comunidades resultou em tragédias como a *Trilha das Lágrimas*, em que milhares de indígenas morreram durante remoções forçadas para reservas situadas a oeste do Rio Mississippi (Nabuco, 2000).

A guerra de Secessão, um dos eventos mais marcantes do século XIX, ocorreu entre 1861 e 1865, refletindo as profundas divisões econômicas, políticas e sociais entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos. Enquanto o Norte, industrializado, buscava abolir a escravidão e fortalecer a União, o Sul, agrário e escravocrata, lutava para preservar seu sistema

¹ O Destino Manifesto foi uma ideologia e doutrina política que emergiu nos Estados Unidos durante o século XIX que justificava a expansão territorial americana para o Oeste do continente norte-americano sob a alegação de que essa expansão não era apenas inevitável, mas também um direito e dever dado por Deus. A ideia desempenhou um papel fundamental na política e na cultura americana da época, moldando ações internas e externas (Horsley, 2010).

econômico baseado no trabalho escravo. O conflito resultou na morte de cerca de 600 mil pessoas e culminou na abolição da escravidão com a promulgação da 13ª Emenda Constitucional (Karnal et al., 2007).

Esses eventos moldaram profundamente a sociedade norte-americana em que Poe viveu, influenciando sua obra, especialmente na exploração de temas como isolamento e alienação. A originalidade de Poe reside em sua habilidade de utilizar a narrativa gótica como veículo para abordar questões como essas. Como aponta Marx (2014, p.57), “a alienação é um processo que desconecta o indivíduo de sua própria essência”. Essa ideia é claramente representada em *A queda da Casa de Usher*, onde a mansão em decadência simboliza não apenas a ruína de uma família aristocrática, mas também a desintegração social e psicológica de uma sociedade em colapso.

Em face dessa realidade, é justo lembrar que, nascido em Boston, em 1809, Poe teve uma infância marcada por tragédias. Após o abandono do pai, perdeu a mãe ainda jovem, vítima de tuberculose, ficando órfão ao lado de dois irmãos. Mudou-se para Richmond, onde enfrentou novos desafios e desilusões. Na juventude, sofreu a perda de uma prima querida, também vítima da tuberculose, o que o abalou profundamente. Além disso, viu seu amor juvenil ser interrompido pela interferência do pai da jovem, que interceptava e destruía suas cartas. Mais tarde, casou-se com Virginia Clemm, que também faleceu precocemente, vítima da mesma doença que acometeu sua mãe e prima (Bessa, 2008).

Essas perdas deixaram marcas profundas na sensibilidade de Poe, influenciando sua produção literária, frequentemente voltada para temas como a morte, o isolamento e a insanidade. Como o próprio escritor reflete: “A ciência ainda não nos deu meios de saber se a loucura é ou não o sublime da inteligência”² (Poe, 2019, p. 5). Essa tensão entre razão e desespero torna-se central em suas narrativas, especialmente em contos como *A Queda da Casa de Usher*, em que o sombrio é utilizado para revelar as fissuras e fragilidades da condição humana.

É importante mencionar também que em *A Queda da Casa de Usher*, os irmãos Usher, isolados em sua mansão em ruínas, personificam a desconexão entre o ser humano e sua essência, um tema explorado por Marx (2014), que descreve a alienação como “empobrecimento”. Essa alienação transcende o indivíduo, refletindo como uma crítica à sociedade capitalista emergente, pois como revela Candido (2006 p.6), “as relações humanas se deterioram por causa de motivos econômicos”. Para mais,

² Essa citação de Poe faz parte do conto *Eleonora*, publicado originalmente em 1842.

[...] nas sociedades estratificadas e de estrutura mais complexa, podemos notar a influência das camadas sociais sobre a distribuição e o caráter dos grupos de artistas e intelectuais, que tendem a diferenciar-se funcionalmente conforme o tipo de hierarquia social (Candido, 2006, p.38).

Essa análise reflete diretamente o ambiente literário do século XIX, no qual as tensões entre classes sociais influenciaram a recepção e o desenvolvimento de uma literatura verdadeiramente americana, que buscava romper com os padrões europeus e expressar as particularidades de sua própria sociedade.

Poe enfrentou diretamente as dificuldades do mercado editorial de sua época, marcado pela ausência de leis efetivas de direitos autorais, como já mencionado anteriormente. Essa lacuna dificultava a profissionalização dos escritores, que frequentemente não eram remunerados por suas publicações. Segundo Fabra (2011, p.47), “Poe foi um dos primeiros escritores a lutar por uma literatura americana independente e profissionalizada”. Apesar das dificuldades impostas pelo mercado editorial, Poe conseguiu expressar sua originalidade, evidenciada por sua notável capacidade criativa.

[...] uma elaboração de novos meios expressivos e um desenvolvimento de nova consciência, artesanal, que produzirão novas formas de expressão literária, mais ou menos ligados a vida social, conforme os acontecimentos a solicitem” (Candido, 2006, p. 143).

Suas narrativas góticas combinam elementos estéticos inovadores com uma crítica contundente à desintegração social e aos valores emergentes de sua época, ampliando as fronteiras da literatura americana. Como pontua Cândido (2006, p.114), “como recebem algumas influências diversas, ampliam, por outro lado, as preocupações, ou modificam o rumo com que elas antes se manifestavam”.

Ao abordar temas como alienação, isolamento e decadência moral, suas obras transcendem o simples entretenimento, funcionando como uma lente crítica que expõe as fissuras de uma sociedade marcada pelo avanço do capitalismo, pelas desigualdades crescentes e pelas mudanças culturais e econômicas do século XIX. Esse entrelaçamento entre estética e crítica social permitiu que Poe não apenas inaugurasse novas possibilidades dentro do gótico, mas também fortalecesse um espaço único no cenário literário global.

Dessa forma, Poe consolidou-se como uma figura central na literatura mundial, tanto pela originalidade de suas obras, como também pela profundidade de suas reflexões sobre a condição humana e as estruturas sociais de sua época. Sua obra, ainda hoje, ressoa como uma ferramenta de análise crítica e continua a inspirar importantes e necessários debates literários e filosóficos.

No rastro dessas discussões, é importante lembrar que, quando se fala em Revolução Industrial, quase sempre se pensa na Inglaterra, chaminés, fábricas, multidões operárias, cidades cobertas por fuligem. De fato, foi ali que o processo industrial começou e se consolidou ainda no século XVIII. A Inglaterra viveu uma industrialização agressiva, rápida e profundamente urbana. Milhares de pessoas deixaram o campo, ocuparam bairros superlotados, trabalharam doze, quatorze horas por dia, e assistiram a uma sociedade que mudava mais depressa do que elas conseguiam compreender. A literatura do período, não por acaso, enche-se de imagens de pobreza, doenças, miséria infantil e degradação humana. *Dickens* é talvez o rosto mais famoso dessa crítica (Charlot, 1993, p.13-17; Bresciani, 1994, p.18-21).

Nos Estados Unidos, o percurso foi diferente. A industrialização chegou mais tarde e, no início, de forma menos concentrada. Não havia metrópoles gigantescas como Londres ou Manchester. A economia continuava apoiada no campo e no comércio. As grandes fábricas só se multiplicaram a partir do século XIX. Porém, quando a indústria norte-americana finalmente se fortaleceu, ela carregou um traço muito característico, a crença no progresso como promessa nacional. O famoso “sonho americano” nasce junto de máquinas, estradas de ferro, expansão territorial e a convicção de que o país caminhava rumo a grandeza (Karnal, 2007, p.154-158).

É justamente nesse contraste que a literatura encontra seu papel. Enquanto na Inglaterra o escritor mostrava com frieza o sofrimento do operário, escritores norte-americanos tendiam a revelar o outro lado dessa história: os feitos silenciosos da modernidade sobre o sujeito. Não apenas a pobreza material, mas a instabilidade emocional, a solidão, a sensação de deslocamento. Poe é filho desse segundo cenário. Ele não descreve a massa operária, nem tumulto das fábricas. Seus contos não têm o barulho do carvão, mas o barulho da mente. O corpo não é oprimido pela máquina é oprimido por si mesmo (Nabuco, 2000, p. 51-58; 231-263; Bessa, 2010, p. 43-50).

A Revolução Industrial norte-americana criou um país dividido entre a fé no progresso e o medo de perder a alma. O tempo acelerou, a tecnologia se expandiu e a ideia de futuro tornou-se brilhante demais, tão luminosa que a própria claridade passou a produzir sombras. Poe escreve nesse intervalo em que os Estados Unidos se imaginavam fortes, racionais e modernos. Porém, as pessoas já sentiam o peso de viver em um mundo onde tudo muda rápido demais e nada permanece firme (Nabuco, 2000, p. 231-260).

Enquanto Londres e Paris exibiam abertamente a miséria das ruas, os Estados Unidos exibiam outra espécie de miséria, a interior, a melancolia, a histeria, o esgotamento psicológico e o medo sem nome. A família Usher é símbolo perfeito dessa perda silenciosa. Nada explode, nada desaba de imediato, tudo se corrói por dentro. A casa representa uma sociedade que se

isolou em seu próprio orgulho. Os irmãos, herdeiros de uma linhagem “pura”, se tornaram prisioneiro de si mesmos. A modernidade sem laço humano vira fantasma e Poe transforma esse fantasma em literatura (Bessa, 2010, p. 43-50; Nabuco, 2000, p. 51-58).

A diferença entre as duas revoluções industriais não é apenas cronológica, é também emocional e estética. A Europa viu a máquina destruir o corpo do trabalhador; os Estados Unidos viram a modernidade destruir o espírito. Poe escolheu escrever sobre esse segundo tipo de ruína, a ruína invisível, íntima, psicológica. Seus personagens não morrem esmagados por engrenagens, mas pela própria consciência (Bessa, 2010, p. 43-50).

É por esse motivo que, mesmo sem mencionar fábricas ou operários, *A Queda da Casa de Usher* é um documento do século XIX. A casa se parte ao meio de um mundo que progride por fora e apodrece por dentro. Uma sociedade que aposta no futuro, mas que se perde no presente (Charlot, 1993, p. 55-57).

4. ELEMENTOS GÓTICOS E FANTÁSTICOS NA LITERATURA: AS ESTÉTICAS DO SOMBRIO E IMAGINÁRIO

Em *A Queda da Casa de Usher*, Edgar Allan Poe combina magistralmente elementos góticos e fantásticos, criando uma atmosfera única que provoca tanto o medo físico quanto o psicológico, ao mesmo tempo em que desafia a percepção da realidade e a razão. A casa em decadência torna-se uma extensão simbólica da mente perturbada dos irmãos Usher, refletindo o entrelaçamento entre o real e o sobrenatural, entre tangível e o imaginário. Dito isso, nas próximas seções, serão apresentados os principais conceitos e características da narrativa gótica, bem como as fronteiras, significados e facetas da narrativa fantástica, a fim de compreender como esses dois universos literários se articulam na obra de Poe e contribuem para a construção de seu caráter simbólico e reflexivo.

4.1 A NARRATIVA GÓTICA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A literatura gótica é uma vertente do Romantismo que se volta para o mistério e os aspectos mais sombrios da experiência humana. Ela explora temas que desafiam costumes, tradições e valores culturais de uma sociedade, configurando-se como uma contracultura permeadas por questões como a morte, os sonhos, o satanismo e a insanidade. Seus personagens são frequentemente retratados em estados de perturbação, contribuindo para o clima de tensão e estranheza que define o gênero.

O termo *Gótico* possui uma origem histórica que reforça a compreensão estética desse gênero. A palavra deriva de *godos*, povos germânicos associados, no imaginário renascentista, à ideia de barbárie. Durante o Renascimento italiano, humanistas empregaram o termo de forma depreciativa para designar a arquitetura medieval, considerada obscura, desproporcional e distante dos princípios clássicos de harmonia e racionalidade (Burke, 1999). Contudo, no período romântico, esse termo foi ressignificado e passou a evocar o universo medieval, as ruínas, a decadência e os cenários carregados de mistério. Assim, *gótico* deixou de ser uma designação pejorativa e passou a caracterizar um conjunto de estéticas que exploram o sombrio, o fantástico e o inquietante, base teórica que fundamenta as concepções modernas apresentadas por autores como Botting (2005).

Botting (2005, p. 29) descreve a essência do gótico como “uma atmosfera de melancolia e mistério”, enquanto Chevalier (1982, p.196) aponta que a casa, como símbolo central, é “a imagem do universo”, refletindo tanto a psique quanto o estado social de seus habitantes. Essa perspectiva manifesta-se de forma emblemática em *A Queda da Casa de Usher*, de Edgar Allan Poe, onde a casa transforma-se em uma metáfora da mente humana, representando o caos interior por meio da decadência do ambiente exterior.

Proença Filho (1986, p. 23) afirma que “ao assumir o discurso, o indivíduo busca escolher os meios de expressão que melhor configurem suas ideias, pensamento e desejos”, algo evidente na maneira como Poe constrói suas histórias. A escolha do cenário gótico, com sua atmosfera sombria e seus personagens desconectados, reflete precisamente as ansiedades e dilemas existenciais presentes na narrativa. Além disso, a estrutura da casa no conto é carregada de simbolismos. Só para ilustrar, segundo Bachelard (2008, p. 209) “o porão corresponde ao inconsciente, o sótão a elevação espiritual”. Nesse contexto, a decadência da casa de Usher representa não apenas a deterioração interna de seus habitantes, mas, em um nível metafórico, a desintegração de uma sociedade em transformação.

Conforme aponta Fernandes (2024), a literatura gótica, originada na Inglaterra por volta da segunda metade do século XVIII, tem como marco inicial *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole. Nesse período, as narrativas eram fortemente influenciadas pelo imaginário medieval, com cenários compostos por castelos, templos, ruínas e batalhas. Essa ambientação, carregada de simbolismos, evocava mistério e decadência, elementos essenciais ao gênero. Outro aspecto marcante do gótico é o perfil melodramático de seus personagens, que buscam transmitir ao leitor as emoções mais intensas e ocultas. Temas como os mistérios do passado, previsões sobre o futuro, elementos de ocultismo e manuscritos enigmáticos eram frequentemente explorados, reforçando o caráter enigmático e atmosférico das narrativas.

Portanto, esse estilo gótico adotado por Poe em *A Queda da Casa de Usher* é, sobretudo, uma representação das angústias sociais de sua época. A casa, com sua ruína e atmosfera opressiva, simboliza uma cultura em decadência, onde as bases de uma sociedade outrora sólida começam a desmoronar. O grotesco e o sombrio tornam-se instrumentos utilizados para explorar o medo, a mortalidade e os conflitos que permeiam tanto a psique humana quanto as estruturas sociais. Assim, sua narrativa gótica não se limita a criar uma atmosfera de terror, mas oferece uma análise rica e profunda das contradições de seu tempo.

4.2 A NARRATIVA FANTÁSTICA: FRONTEIRAS, SIGNIFICADOS E FACETAS

A narrativa fantástica é um gênero literário caracterizado pela introdução de elementos sobrenaturais ou inexplicáveis em uma estrutura narrativa que, a princípio, poderia ser realista. Esse gênero provoca no leitor uma sensação de dúvida ou hesitação, desafiando-o a decidir se os eventos narrados pertencem à realidade ou a algo além dela. Essa oscilação entre o real e o irreal é o que define o fantástico, como aponta Todorov (1975, p. 29):

É necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.

Essa característica de vacilação distingue o fantástico de outros gêneros literários que também envolvem o sobrenatural, como o maravilhoso, no qual os eventos sobrenaturais são aceitos sem questionamento, e o estranho, em que fenômenos extraordinários recebem explicações racionais. De acordo com Caillois (1965, p. 161), “todo o fantástico é uma ruptura da ordem reconhecida, uma irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana”. É justamente essa ruptura que produz, na narrativa fantástica, um estado de incerteza permanente, no qual leitor e personagens hesitam diante da natureza dos acontecimentos, incapazes de determinar se eles pertencem ao campo do sobrenatural ou da razão. Assim, essa vacilação pode ser resolvida ao longo da narrativa ou permanecer ambígua até o seu desfecho, construindo traços fundamentais do gênero.

O fantástico é, portanto, mais do que a simples presença de eventos sobrenaturais; ele é um jogo com a percepção, um questionamento da realidade e, normalmente, um reflexo das inquietações humanas diante do desconhecido. Louis Vax (1960, p. 5) complementa essa perspectiva ao afirmar que “o relato fantástico [...] nos apresenta, em geral, a homens que, como

nós, habitam o mundo real, mas que, de repente, encontram-se ante o inexplicável”. Essa abordagem permite que a narrativa fantástica explore temas como o medo, a morte, a loucura e os limites da razão, tornando-se uma poderosa ferramenta para abordar questões existenciais e culturais.

No conto fantástico, a incerteza geralmente se manifesta em narrativas curtas e intensas, que envolvem o leitor em um universo onde as regras habituais da realidade parecem momentaneamente suspensas. Por meio de personagens e situações que desafiam o senso comum, a narrativa fantástica transporta o leitor para um espaço de estranhamento, emoção e reflexão. Como observa Castex (1951, p. 8), “o fantástico [...] se caracteriza [...] por uma intrusão brutal do mistério no marco da vida real”. Essa combinação de mistério e estranhamento torna o fantástico uma das formas mais intrigantes e provocativas da literatura, permitindo que o leitor vivencie o desconforto de se deparar com o inexplicável enquanto reflete sobre as fronteiras entre o real e o imaginário. Nesse sentido, a literatura gótica pode ser compreendida como um dos desdobramentos estéticos mais expressivos do fantástico, sobretudo por transformar a incerteza e o estranhamento em experiências sensoriais e espaciais. Enquanto o fantástico opera a hesitação entre explicações racionais e sobrenaturais, o gótico materializa essa instabilidade por meio de ambientes opressivos, arquiteturas em ruínas e espaços simbólicos que incorporam o conflito interior dos personagens. Dessa forma, o espaço gótico não funciona apenas como cenário, mas como elemento da ordem e a ameaça constante ao equilíbrio da realidade.

A literatura gótica não se limita a explorar o medo. Ela transforma cada elemento do espaço, como a casa, as sombras, os ruídos, o silêncio, em símbolos de uma realidade mais profunda. A alegoria torna-se o modo privilegiado de expressão desse universo, pois aquilo que parece físico ou concreto funciona, na verdade, como o lugar onde o invisível se manifesta. No gótico, o terror não reside apenas nos acontecimentos da narrativa, mas sobretudo nos significados que eles evocam.

Walter Benjamin (1987) explica que a alegoria percebe o mundo pela lente da ruína. Não busca a beleza intacta, mas aquilo que resta dela. Na perspectiva benjaminiana, a alegoria é o olhar que encontra sentido no escombros, no desgaste, no que já está condenado. Em sua leitura do barroco, ele afirma que a morte é “a sanção de tudo que o narrador pode contar e é da morte que ele tira sua autoridade” (Benjamin, 1987, p. 208). A morte, nesse contexto, não encerra, ela esclarece; não silencia, revela dando voz ao que estava oculto. Por isso, a literatura gótica encontra suas imagens mais fortes na morte, na decadência e na ruína; são esses elementos que revelam as verdades que os vivos evitam enfrentar.

5. ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIAL DE A QUEDA DA CASA DE USHER

A leitura de *A Queda da Casa de Usher* revela que o conto ultrapassa o mero efeito de terror. Poe constrói uma narrativa em que espaço, corpo, memória e silêncio funcionam como uma linguagem simbólica, capaz de articular sentidos que vão além do enredo. Por trás da atmosfera sombria, emerge um comentário crítico sobre o indivíduo moderno, seu isolamento e a fragilidade das estruturas sociais que sustentam identidade.

Assim, este capítulo analisa o conto a partir de dois eixos principais: o literário, centrado nas características do gótico e do fantástico; e o social, que evidencia como a decadência dos Usher reflete tensões presentes na sociedade norte-americana do século XIX. A casa, o narrador, os irmãos e a própria natureza transformam-se em imagens alegóricas que revelam as contradições de uma época que proclamava o progresso, mas convivia com a ruína silenciosa da experiência humana.

5.1 ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: CAMADAS ESTÉTICAS NO CONTO

A narrativa de *A Queda da Casa de Usher* articula, desde as primeiras linhas, os pilares estéticos do gótico e do fantástico, organizando-os não como elementos ornamentais, mas como dispositivos simbólicos que estruturam a ruína e o colapso moral presentes na obra. Poe não descreve a atmosfera como simples cenário, mas como organismo vivo que antecede a ação e que fala antes das personagens; é o ambiente que anuncia o horror. A casa surge sob um “dia pesado, escuro e mudo de outono”, o que imediatamente instala um clima de compressão psicológica. Cada fragmento do espaço, como as árvores definhadas, os juncos imóveis, a água silenciosa, a total ausência de movimento humano, participa da construção de um imaginário onde o terror não está na morte, mas no estado anterior a ela. É nesse ponto que se estabelece o primeiro diálogo entre os gêneros. No plano gótico, como observa Chevalier (2022, p. 248), a casa não é cenário inerte: ela é símbolo do “ser interior”. O exterior guarda o que está em decomposição no interior, e o reflexo da mansão na água funciona como duplicação do que a narrativa ainda não revelou explicitamente. Há uma ordem invertida: não são as pessoas que contaminam o espaço; é o espaço que consome lentamente quem nele habita. Poe cria, assim, uma topografia interior. A casa pensa, observa, respira, adocece.

A Queda da Casa Usher é um conto que vive na fronteira entre dois modos literários: o gótico, com sua atmosfera de ruína e morte, e o fantástico, onde a razão não consegue explicar inteiramente o que acontece. A mansão, silenciosa e adoecida, já apresenta esse limiar. O narrador descreve “as janelas semelhante a olhos” (Poe, 2021, p. 114), não são objetos passivos, observam, vigiam, pressionam. O gótico se afirma quando o espaço invade o sujeito.

Mas Poe não se limita ao gótico tradicional. O fantástico aparece quando a razão tenta explicar aquilo que parece ultrapassá-la. Mesmo diante dos ruídos, da doença de Roderick e da sensação de presença, o narrador tenta assumir uma posição científica: “essas aparências que o espantam me são simples fenômenos elétricos não muito raros, e talvez tenham a sua origem fantástica nos miasmas do charco” (Poe, 2021, p.126).

A tentativa de domínio racional marca o limiar do fantástico: a razão insiste, mas vacila diante do que a casa impõe como presença. Esse gesto do narrador coincide com o *ethos* moderno descrito por Max Weber, para quem a modernidade ocidental se organiza pela racionalidade econômica, “a organização capitalista racional do trabalho livre” (Weber, 2003, p.11) e pela ideia de que a vida social deve se orientar por uma moral do dever, da vocação e da responsabilidade. Nesse sentido o narrador de Poe observa, compara, argumenta se esforçando por sustentar a postura de um sujeito esclarecido, moldado pela racionalidade moderna, ainda que essa postura se desfça progressivamente diante da experiência do inexplicável.

Contudo, essa racionalidade não dá conta de tudo; ao contrário, entra em colapso quando o ambiente devolve uma resposta mais forte do que a explicação lógica. A casa tem uma presença quase física, e o texto descreve “uma atmosfera (...) um vapor pestilento e místico, pesada inerte” (Poe, 2021, p.116). Não se trata apenas de um lugar, mas de uma força que se impõe ao narrador e a própria lógica narrativa.

Esse ponto é decisivo, pois o fantástico não se manifesta pela simples aparição do sobrenatural, mas pela falência do pensamento racional diante de algo que o excede. Desde a sua chegada à casa Usher, o narrador tenta apreender racionalmente aquilo que percebe, recorrendo à observação minuciosa e a descrição objetiva. Ele afirma sentir “uma atmosfera(...) pesada inerte”, comparável a “um vapor pestilento e místico” que parece emanar do próprio espaço (Poe, 2021, p. 116), esforçando-se por traduzir em linguagem lógica uma experiência que resiste a explicação.

É nesse ponto que se instala o fantástico, entendido por Tzvetan Todorov (1980) como “vacilação”, diante de acontecimentos que não podem ser plenamente explicados nem como produto do mundo físico nem como delírio. A vacilação do narrador é exatamente essa: ele prefere acreditar na ciência, na observação e na casualidade, mas a casa insiste em devolver a ele aquilo que não cabe nas categorias do real. O medo, portanto, não deriva do inexplicável em si, mas do fato de que a explicação, mesmo quando oferecida, não dissolve o terror. Há ciência, mas não há controle.

Essa limitação da razão aproxima o narrador do diagnóstico formulado por Walter Benjamin acerca da modernidade como época de esvaziamento da experiência. Para Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1987, p.198), mas o mundo moderno rompe essa cadeia de transmissão. O narrador de Poe é filho dessa modernidade: observa, descreve e analisa, mas não compreende plenamente o que vivencia. Ele encarna o sujeito que “vem de longe” (Benjamin, 1987, p.198), trazendo racionalidade e método, mas encontra um universo que escapa à lógica. Como observa o próprio Benjamin, o romance nasce do indivíduo isolado, separado da comunidade e incapaz de comunicar plenamente a própria experiência (Benjamin, 1987, p. 201). É exatamente o que acontece em *A Queda da Casa de Usher*: o narrador vê, mas não partilha; vive, mas não entende; narra, mas não decifra. O horror é silencioso porque falta linguagem para traduzi-lo.

Nesse encontro entre gótico e fantástico essa crise da razão se materializa no espaço. A casa deixa de funcionar como cenário para tornar-se corpo simbólico. Como afirma Jean Chevalier (2022, p.247) a casa é “imagem do universo” e, quando em ruína, indica o colapso de tudo aquilo que representa. Em Poe, os fungos que recobrem as paredes, a rachadura central, o espelho imóvel do pântano e a atmosfera doentia compõem uma verdadeira anatomia da decomposição. A casa ainda está de pé, mas já está condenada, assim como os irmãos que nela vivem. A ruína não é apenas um estado físico, mas uma condição histórica e simbólica.

Por isso, *A Queda da Casa de Usher* não opera apenas como narrativa de terror, mas como reflexão filosófica sobre os limites da razão moderna. O que desmorona não é somente a arquitetura física, mas o mundo moral, psíquico e racional que sustentava os personagens e, por extensão, a própria sociedade. O fantástico atua como denúncia da insuficiência da lógica; o gótico registra a ruína sensorial. A alegoria organiza o sentido dessa destruição (Chevalier, 2022).

O conto, assim, torna-se um relato sobre limites: limite da razão, limite da linguagem, limite da modernidade. A casa afunda porque já estava morta; o fantástico irrompe porque a lógica já não ampara; o gótico fala quando a narração não consegue mais explicar. Dessa fusão nasce a força literária da obra, na qual o horror não é espetáculo, mas pensamento, conforme observa Antônio Cândido (2006).

5.1.1 ISOLAMENTO E OPRESSÃO: METÁFORAS DA ALIENAÇÃO SOCIAL

O isolamento é a primeira marca visível da casa Usher. Antes mesmo de entrar, o narrador percebe que há algo errado naquele espaço. Ele fala de uma “sensação de insuportável angústia” ao olhar para o edifício, descrevendo as “janelas vazias que pareciam olhos” e a paisagem silenciosa que o cercava. Essa imagem não é apenas decorativa: é sufocante, opressiva. Poe constrói um ambiente que parece observar o visitante, e não ao contrário. A casa está afastada da vida social, e essa distância não é acidental. Ela representa um mundo que deixou de participar da história. A sociedade norte-americana do século XIX avançava para o capitalismo industrial, mas a mansão permanece imóvel. Marx afirma que o capitalismo sobrevivia pela circulação constante de mercadoria, pois “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias” (Marx, 2014, p. 57), onde não há troca, não há vida econômica. E na casa Usher não existe circulação de nada, nem de gente, nem de ideias, nem de afeto. O isolamento físico se transforma em isolamento psicológico. O narrador percebe que a casa tem “uma atmosfera [...] um vapor pestilento e místico, pesado, inerte” (Poe, 2021, p. 116), quase como se a própria estrutura respirasse uma doença antiga.

De acordo com Chevalier, a casa é símbolo do interior humano: seus níveis, sua memória e seu desgaste “o exterior da casa é a máscara ou aparência do homem” (Chevalier, 2022, p. 248). O declínio da mansão traduz o declínio da própria linhagem: o espaço adocece junto com seus habitantes. Se a casa está doente, quem vive ali também está. Roderick Usher confirma esse vínculo. Ele acredita que a mansão exerce influência sobre seu corpo e sua mente, como se estivesse aprisionado dentro dela. O narrador relata que Usher estava “acorrentado por certas impressões supersticiosas com relação ao lugar onde vivia”. A casa não é abrigo; é cárcere. Poe constrói um espaço que oprime silenciosamente, sem violência explícita, mas com efeito constante. Nada precisa acontecer para que o terror exista, basta permanecer ali.

A doença de Madeline aprofunda esse aprisionamento. Ela é a única parente viva de Roderick, e mesmo dentro da casa, “nunca era vista pelos criados”. É quase como se ela não tivesse lugar no mundo. Sua apatia e seus desmaios transformam o corpo em sombra. O texto não diz que ela está morta, mas age como se estivesse. O isolamento consome a humanidade antes da morte real.

Walter Benjamin ajuda a compreender esse silêncio. Para ele, “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (Benjamin, 1987, p. 200). Ninguém troca experiências dentro da casa: não há convivência, não há narrativa, não há memória. Se a narrativa tradicional exigia o narrador que “vem de longe” e traz a experiência do mundo (Benjamin, 1987, p.198), o

narrador de Poe chega, mas não consegue transmitir nada aos habitantes. Ele fala, mas ninguém a escuta. A casa produz silêncio.

Além disso, a linhagem Usher se perpetua apenas por descendência direta. Não há ramificações familiares. Não há casamento, filhos, parentes distantes. Segundo Brunel, os gêmeos simbolizam “a dualidade e a tensão entre oposições interiores e exteriores” (Brunel, 1997, p. 530-532). A família vive como um ciclo fechado. Nada entra. Nada sai. Quando Madeline e Roderick morrerem, o nome acaba. É o isolamento total físico, emocional e histórico.

Há ainda a presença constante da morte. Não a morte imediata, mas lenta, silenciosa, anunciada. A casa é uma presença que empurra os moradores para baixo. O narrador sente isso ao entrar: “respirava uma atmosfera de angústia”. No entendimento de Weber (2003), o sujeito moderno tenta controlar o mundo pela razão, construindo uma vida organizada pelo cálculo e pelo dever. O narrador tenta agir assim: observa, analisa, tenta explicar. Mas a casa desmonta sua lógica. O espaço não respeita a razão.

O isolamento vira opressão quando o ambiente passa a definir o destino dos personagens. Roderick não luta contra a casa; ele se entrega. Madeline é enterrada ali mesmo, dentro das paredes, como se nunca tivesse existido fora. E quando ela retorna, não há libertação: há desespero. No fim, os dois morrem juntos, e o narrador vê a casa “se abrir em duas” e afundar no pântano. A morte dos personagens e a destruição do espaço são a mesma coisa. A casa só termina quando a família acaba. A ruína é completa: casa, corpos, história, sobrenome, tudo desaparece. Poe parece dizer que nenhum sistema sobrevive isolado. Nem pessoas, nem famílias, nem sociedades. Onde não existe relação com o mundo, resta apenas a queda.

5.1.2 DECADÊNCIA MORAL E SOCIAL: A RUÍNA COMO ALEGORIA DO SÉCULO XIX

A Casa Usher não representa apenas velhice física; ela representa um tipo de sociedade que perdeu o sentido moral da própria existência. Logo no início, o narrador afirma sentir “uma frieza glacial, um abatimento, um mal-estar, uma irremediável escuridão de pensamento” ao contemplar o cenário (Poe, 2021, p. 114). Esse mal-estar, quase instintivo, funciona como anúncio da decadência que domina o lugar. A corrupção não está escondida: está na superfície.

A família também revela essa ruína. O narrador observa que o sobrenome Usher sempre foi transmitido de maneira direta, sem “origem de algum ramo que se conservasse” (Poe, 2021, p. 115). Em vez de representar tradição, essa pureza revela esgotamento. Não há novas relações,

novos vínculos ou novas formas de vida. A linhagem não cresce: repete-se até desaparecer. Como afirma Brunel, os gêmeos simbolizam a “tensão entre oposições interiores e exteriores” (Brunel, 1997, p. 530-532); no caso dos Usher, essa tensão não gera criação, mas morte.

Essa estagnação dialoga com Marx. Quando analisa o capitalismo, ele afirma que a riqueza social depende da circulação, porque “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias” (Marx, 2014, p. 57). Onde nada circula, nada vive. A mansão Usher funciona como o contrário da lógica histórica do seu tempo: não produz, não troca, não se renova. O resultado é morte social antes da morte física.

Roderick encarna esse esgotamento. O narrador descreve “uma tonalidade cadavérica” em sua pele e olhos “de incomparável luminosidade” (Poe, 2021, p. 118). O corpo, sinal de vida, aparece como sinal de decomposição. A nobreza, que deveria exibir poder ou vitalidade, é apenas aparência. Em termos marxianos, quando as classes não têm função produtiva ou social, tornam-se formas “decadentes” do próprio sistema (Marx, 2011, p.83). Roderick é sobrevivência vazia: possui nome, mas não possui vida.

A figura de Madeline aprofunda essa leitura. Ela é descrita como tendo “apatia estabilizada” e episódios de “aspecto parcialmente cataléptico” (Poe, 2021, p. 120). Mesmo viva, já parece morta. Quando finalmente é enterrada, o local escolhido é a própria casa. O corpo feminino símbolo de continuidade familiar, é sepultado dentro do espaço que deveria protegê-lo. É o fim da família e o fim da função social da aristocracia que ela representa. A casa não gera futuro: consome os vivos. Chevalier lembra que a casa pode simbolizar o “Ser” interior humano, e quando está doente, seu habitante também está (Chevalier, 2022, p. 248). Madeline não adoece apenas no corpo, adoece no espaço.

Weber também ajuda a compreender essa decadência. Para ele, a modernidade ocidental se constrói na ética do dever, trabalho e responsabilidade: “a organização capitalista racional do trabalho livre” cria sentido social e disciplina (Weber, 2003, p. 11). Na Casa Usher, nada disso existe. Não há trabalho, não há projeto, não há função. A elite que deveria liderar a sociedade está presa no ócio, na doença e na superstição. A racionalidade moderna não encontra espaço: a casa é antimoderna.

O momento decisivo do conto ocorre quando Roderick admite que sabia que Madeline ainda vivia: “durante vários dias atormentou-me a consciência de ter ouvido seus fracos movimentos” (Poe, 2021, p. 123). Essa frase marca a falência moral. Não se trata de ignorância, mas de omissão. A decadência, então, não é apenas física: é ética. O irmão deixa a irmã ser enterrada viva e continua em silêncio. A nobreza perdeu a honra, perdeu o afeto, perdeu o compromisso humano. Benjamin (1987, p. 200) observa que, na modernidade, “as experiências

estão deixando de ser comunicáveis”. Em Usher, ninguém compartilha nada: nem dor, nem memória, nem medo. Cada personagem sofre sozinho. O silêncio é o último estágio da decadência.

No final, quando Madeline cai sobre o irmão e a casa “se abriu em duas do alto até a base”, afundando no pântano (Poe, 2021, p. 135), toda a estrutura desaparece física, moral e historicamente. Não sobram herdeiros, objetos ou memória. A ruína é completa.

Poe transforma essa destruição em alegoria. Uma sociedade que vive apenas da própria imagem, que se fecha no passado e abandona qualquer responsabilidade moral, está condenada a desaparecer. *A Queda da Casa de Usher* é a queda de um modo de existir.

5.2 FIGURAS ALEGÓRICAS E SÍMBOLOS CENTRAIS

Na construção do conto *A Queda da Casa de Usher* a alegoria ocupa um papel fundamental, que funciona como o eixo interpretativo que integra os elementos góticos, a crítica social e a dimensão psicológica da narrativa. Poe mobiliza símbolos recorrentes como a casa, o narrador, o duplo e a natureza para introduzir tensões históricas e afetivas, projetando no espaço, nos personagens e no ambiente os conflitos internos e externos que atravessam a modernidade.

Esses elementos não operam isoladamente; muito pelo contrário eles formam uma rede simbólica em que cada figura reflete um aspecto distinto da ruína moral, social e subjetiva representada no conto. Dessa forma, as subseções a seguir examinam como a casa adquire estatuto de personagem e metáfora social; como o narrador se constitui como testemunha histórica e alegórica; como o duplo se manifesta na relação entre os irmãos Usher, e como a natureza em sua solene simpatia reforça a atmosfera de colapso e interdependência entre sujeito e mundo.

5.2.1 A CASA COMO PERSONAGEM E SIMBOLO SOCIAL

Em *A Queda da Casa de Usher*, a mansão não funciona apenas como cenário. Ela age, reage e, em muitos momentos, parece dominar os personagens. Logo na primeira descrição, o narrador percebe que a casa produz efeito físico e emocional: olhando para a construção, ele sente “uma frieza glacial, um abatimento, um mal-estar, uma irremediável escuridão de pensamento” (Poe, 2021, p. 114). A arquitetura não está morta. Ela provoca, oprime, influencia. É a primeira personagem a entrar em cena. Não é coincidência que Poe use elementos do corpo

humano para descrever o espaço. As janelas aparecem “como olhos” (Poe, 2021, p. 114), a fachada tem uma “fenda” que desce “em ziguezagues”, como uma cicatriz (Poe, 2021, p. 117), e as paredes parecem sustentar o peso de séculos. Na crítica simbólica, Chevalier afirma que a casa representa o interior humano, “imagem exterior da alma” (Chevalier, 2022, p. 248). Assim, quando o narrador olha para a mansão, ele não vê apenas pedras: vê uma história doente.

Essa ideia fica ainda mais clara quando Poe descreve o reflexo da casa na água. O narrador mira o espelho do pântano e observa a “imagem invertida dos troncos espectrais e das janelas paradas com olhos mortiços” (Poe, 2021, p.115). A repetição da imagem sugere duplicidade: por fora e por dentro, a mansão tem o mesmo aspecto de morte. É como se a casa fosse um corpo que já não se sustenta, mas continua de pé por inércia.

A casa também exerce poder sobre os habitantes. Roderick confessa que sentia “uma influência cuja força ninguém poderia negar” agindo sobre seu espírito (Poe, 2021, p. 120). Ele admite estar preso a ela, mesmo sabendo que essa ligação o destrói. Em citação indireta, Poe mostra que a mansão não abriga os Usher, consome-os lentamente. Roderick não adoece apesar da casa: adoece por causa dela.

Essa relação simbólica dialoga com a crítica social da época. No século XIX, famílias tradicionais aristocráticas ou proprietárias tentavam garantir poder pela herança do nome e pela manutenção da casa familiar. A mansão se transformava em prova de *status*, mas também em prisão social. Weber explica que a modernidade se afasta dessa lógica, porque o poder não deveria mais vir do sangue, mas do trabalho, da vocação e da racionalidade (Weber, 2003, p. 11). Os Usher são o oposto: vivem de prestígio herdado, não de mérito. A casa, nesse sentido, representa um sistema ultrapassado.

Marx também ilumina essa metáfora. Ao discutir a decadência de classes privilegiadas, ele afirma que estruturas sociais que não se transformam acabam por se tornar “formas decadentes do próprio sistema” (Marx, 2011, p. 83). A mansão Usher é exatamente isso: uma construção que já não serve a nenhum papel social. Como forma, permanece. Como função, morreu. É um corpo sem alma, sustentado apenas por aparência.

Há ainda outro aspecto importante: a casa reage aos acontecimentos. Quando Madeline é enterrada, o ambiente muda. O narrador percebe sons que não consegue explicar, “um ruído oco” seguido de “gritos abafados” (Poe, 2021, p. 129). A casa se torna espaço de vingança. Ela devolve o silêncio e o pecado ao próprio Roderick. No momento da morte dos irmãos, o narrador vê a mansão “abrir-se em duas” e afundar no pântano (Poe, 2021, p. 135). O edifício age como personagem final se destrói no exato instante em que seu último habitante morre.

Lida como símbolo social, a casa expressa a crítica de Poe à sociedade que insiste em preservar tradições vazias. A mansão é herança, nome, poder e história, mas nada disso sustenta vida. Benjamin afirma que, na modernidade, a experiência perdeu valor e que o passado já não consegue orientar o presente (Benjamin, 1987, p. 200). A casa Usher confirma essa ideia: é um monumento que não protege, um patrimônio que destrói quem tenta viver dentro dele.

Assim, Poe transforma o espaço físico em personagem e metáfora social. A mansão marca o fim de uma forma de vida a nobreza isolada, o orgulho sem função, a tradição que sufoca. Quando cai, não é apenas pedra que afunda; é a própria lógica de uma sociedade que se acreditava indestrutível.

5.2.2 O NARRADOR COMO ALEGORIA E TESTEMUNHA HISTÓRICA

O narrador de *A Queda da Casa de Usher* não conta apenas uma história. Ele vê. Seu olhar é o instrumento central da narrativa. Tudo que o leitor sabe surge do que ele observa, ou pensa observar. Mas esse olhar não é firme: é instável, assustado, vacilante. Logo ao chegar, ele admite que a visão da mansão provocou “uma sensação de mal-estar e sombria escuridão de pensamento” (Poe, 2021, p. 116). Ou seja, seus olhos percebem mais do que sua razão consegue explicar.

Em *O olhar*, Novaes (1988) explica que “ver já não basta para saber”, porque o olhar moderno enxerga a superfície, mas não apreende o sentido do que vê (Novaes, 1988, p. 18). O narrador de Poe encarna exatamente essa ruptura: ele vê a casa, mas não entende a experiência que ela provoca. Seu olhar é sensorial, mas impotente. Ele toca o mundo apenas pelos sentidos, e os sentidos são enganosos.

Em outro trecho, Novaes (1988) afirma que o olhar humano é “auto iluminado” e tenta se tornar “critério e medida da visibilidade”, mas “o espírito dirá que os olhos não sabem ver” (Novaes, 1988, p. 40). No conto, essa contradição aparece quando o narrador insiste em explicar racionalmente o que percebe. Ao observar os fenômenos estranhos da casa, tenta justificar tudo por “simples fenômenos elétricos” ou “miasmas do charco” (Poe, 2021, p. 125). Ele quer que a visão obedeça à razão, mas a razão não dá conta da experiência.

Benjamin (1987) também identifica essa falha. Para ele, a modernidade transforma o olhar em registro, não em conhecimento, e “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (Benjamin, 1987, p. 200). O narrador vê, mas não traduz a experiência em sabedoria. Ele descreve, mas não interpreta. Ele testemunha, mas não transforma. Seu relato é documento, não lição.

A própria casa confirma essa limitação do olhar. Há momentos em que o narrador confessa não saber se as formas que vê pertencem à imaginação ou ao real. Quando contempla as janelas que pareciam “olhos vigilantes” (Poe, 2021, p. 114), ele não afirma nada, apenas sugere. O olhar deseja uma resposta, mas só encontra dúvida. Novaes (1988, p. 67) descreve essa experiência ao afirmar que “os olhos recebem passivamente [...] nuvens de átomos luminosos” que oferecem ao homem um conhecimento sensível. O narrador recebe tudo, absorve tudo, mas não controla nada.

A imagem final é decisiva. Depois de testemunhar o retorno de Madeline e a morte de Roderick, o narrador foge e olha para trás. Ele vê a casa “abrir-se do teto à base” e desaparecer nas águas escuras (Poe, 2021, p. 135). Seu olhar é o último contato com o mundo Usher. Ele é testemunha da ruína, mas sua presença não impediu nada. Marx (2014) afirma que a modernidade produz sujeitos que assistem à destruição das estruturas sociais enquanto se sentem impotentes diante delas, porque “a alienação retira do indivíduo o domínio sobre sua própria obra” (Marx, 2014, p. 75). É exatamente a posição do narrador: ele vê um mundo cair e nada pode fazer.

Por isso, o narrador funciona como alegoria histórica. Ele simboliza o sujeito moderno, que vê as mudanças do mundo, mas não consegue organizá-las em sentido. O olhar dele registra, mas não salva. Sua narrativa não explica, apenas preserva a memória. Como afirma Novaes (1988, p. 95), “o olhar despertado em direção ao passado [...] instaura um desequilíbrio na relação com o presente”. O narrador olha para trás, para a casa, para os irmãos, para o fim de uma linhagem, e seu olhar transforma aquilo em história, não em continuidade.

No fim, sobreviver significa contar. O narrador não é herói, salvador ou juiz. É testemunha. E essa testemunha revela que nem o olhar, nem a razão, nem a ciência foram suficientes para impedir o colapso. A modernidade nasce com olhos abertos, mas os olhos, como diz Novaes (1988, p. 40), “não sabem ver”.

5.2.3 O DUPLO E OS IRMAOS USHER

A presença dos irmãos Usher não é apenas genealógica; ela é simbólica. Poe constrói Roderick e Madeline como dois corpos inseparáveis, duas forças que vivem e declinam juntas. O narrador percebe, desde o início, que há algo estranho entre eles. Ao descrever Madeline atravessando silenciosamente o corredor, ele afirma que Roderick estremeceu “como se tivesse sido atingido por um golpe elétrico” (Poe, 2021, p.119). A reação não é emocional, é física. Um sente o corpo do outro. Esse vínculo encontra fundamento no símbolo dos gêmeos. Jean

Chevalier (2022, p. 530) explica que “os gêmeos simbolizam, por outro lado, o estado de ambivalência do universo mítico”. O duplo, nesse sentido, é coexistência de opostos: vida e morte, presença e ausência, consciência e corpo. Em *A Queda da Casa de Usher*, Roderick fala, age e é visível. Madeline aparece pouco, quase sempre como sombra. Ele é a superfície; ela, a profundidade.

Chevalier (2022, p. 404) também lembra que o número dois representa oposição e tensão: “símbolo de conflito [...] o dois exprime antagonismo que, latente, se torna manifesto”. Esse antagonismo é visível no conto. Roderick tenta manter a ordem, lê, pinta, compõe, enquanto Madeline escapa da ordem: ela adocece, desmaia, desaparece. Quando ele busca controlar a morte, enterrando-a no jazigo, o conflito explode: ela retorna e destrói aquilo que o irmão tentou preservar.

Pierre Brunel (1977) reforça essa leitura. Para ele, “uma das primeiras denominações do duplo é o alter ego” (Brunel, 1997, p. 261). Em *Usher*, Madeline não é apenas irmã, ela é o outro eu. Quando ela adocece, Roderick adocece. Quando o corpo dela perde força, a mente dele perde estabilidade. A ruína deles é simultânea. O narrador descreve que, na noite final, Roderick estava com “olhos lívidos e lábios trêmulos” (Poe, 2021, p. 133), como se já soubesse que sua existência dependia do retorno da irmã.

Brunel (1997, p. 269) observa ainda que a duplicidade expressa “o conflito de uma alma à procura de si mesma”. A luta não é entre dois corpos, é dentro de um. Poe sugere isso literariamente quando descreve a casa rachada ao meio, com uma fissura que vai “do telhado à base” (Poe, 2021, p. 117). A casa é corpo; os irmãos são suas metades. A rachadura é a divisão interna que a família não suporta.

A simbologia se amplia quando Brunel (1977) afirma que o mito do duplo se intensifica em épocas de crise histórica, quando “a problemática da identidade pessoal se torna crucial” (Brunel, 1997, p. 270). *A Queda da Casa de Usher* nasce justamente em um período de transformações sociais e políticas nos Estados Unidos. A família Usher, fechada em si mesma, representa um modelo de mundo em extinção. Os irmãos, como duplo, traduzem a angústia dessa cultura “atormentada pelo princípio destruidor da repetição” (Brunel, 1997, p. 392). Não há futuro para quem repete eternamente a si mesmo.

O retorno de Madeline é a cena mais emblemática do duplo. Brunel aponta que Poe recorre ao tema da morta que regressa para “reconstituir uma unidade” ameaçada pela separação (Brunel, 1997, p.276). Madeline volta não para matar o irmão, mas para completar aquilo que estava dividido. Ela cai sobre ele, e os dois morrem no mesmo instante. Um não continua sem o outro. A separação é impossível.

Nesse momento, o duplo deixa de ser somente elemento psicológico e torna-se metáfora social. O narrador foge e vê a casa “abrir-se completamente” antes de afundar no pântano (Poe, 2021, p. 135). O fim dos irmãos destrói também o espaço. Brunel lembra que o duplo muitas vezes aparece como “labirinto”, uma armadilha que captura quem tenta escapar (Brunel, 1997, p. 558). Os irmãos não conseguem sair desse ciclo, nem vivos, nem mortos.

Por isso, o duplo em Poe não é apenas um recurso fantástico. Ele simboliza uma identidade dividida, uma história que se esgota, uma sociedade que não encontra continuidade. Roderick e Madeline não representam dois indivíduos: representam uma mesma existência fendida. Quando o duplo se rompe, tudo desaba, corpos, nome, casa, memória. A família Usher termina como começou: inseparável e condenada.

5.2.4 NATUREZA E SOLENE SIMPATIA

A natureza que envolve a Casa de Usher não é neutra. Ela se comporta como testemunha, reflexo e até cúmplice do destino dos personagens. Ao descrever o cenário, o narrador observa “troncos brancos de árvores apodrecidas, muros invadidos pela hera e um lago lívido, completamente imóvel” (Poe, 2021, p. 114). A paisagem não oferece vida: oferece avisos. Tudo ali parece se decompor ao ritmo dos irmãos.

Northrop Frye (1957, p.42) chama essa relação entre mundo natural e evento humano de solene simpatia. Para ele, quando a morte atinge uma figura central, a natureza reage como se participasse do acontecimento. Ele explica: “como um deus é superior à natureza, bem como aos outros homens, a morte de um deus envolve [...] a ‘solene simpatia’ da natureza”. É exatamente o que ocorre na obra: quando os irmãos Usher se aproximam do fim, os elementos naturais deixam de ser cenário e tornam-se parte da tragédia.

Há momentos em que essa simpatia parece tocar diretamente o narrador. Antes da morte de Madeline, ele percebe “uma neblina fina e pálida” que envolvia o casarão (Poe, 2021, p. 128). Depois que ela é enterrada, a atmosfera se fecha “o ar era sufocante e opressivo” (Poe, 2021, p. 129). A natureza não apenas espelha a angústia da casa: amplifica. Frye (1957, p. 42) afirma que, mesmo em obras de ficção mais realistas, o uso da solene simpatia revela que o autor está dando ao personagem “implicações do modo mítico”. A morte, portanto, adquire dimensão maior do que mero fato individual.

No desfecho do conto, essa relação é absoluta. Quando Madeline reaparece, coberta de sangue, e cai sobre o irmão, Roderick morre imediatamente. O narrador foge, e a natureza entra em convulsão: “um vento violento lançava longos gritos através da noite” e “um clarão rubro

atravessou o céu” (Poe, 2021, p. 135). A casa racha, “do telhado à base”, e mergulha no lago (Poe, 2021, p. 135). A paisagem executa o final, não o acolhe.

Walter Benjamin (1984, p. 39) ajuda a compreender esse gesto simbólico. Ele afirma que a alegoria barroca transforma a natureza em “campo de ruínas” e que, nesses espaços, “a história é um depósito de ossadas”. A natureza de Poe age como essa história petrificada. Ela não protege a casa, não tenta salvá-la: simplesmente a absorve. Benjamin (1984, p. 40) explica ainda que “a fisionomia alegórica da natureza-história só está verdadeiramente presente como ruína”. A Casa de Usher, ao afundar, não se destrói: se cumpre.

Frye (1957, p. 43) também observa que, na tragédia, a queda de uma figura central provoca resposta da ordem natural porque é o único meio de retirar essa figura de sua sociedade. Roderick, como último representante da linhagem, só pode ser afastado pelo colapso total do espaço que o sustenta. A solene simpatia, portanto, não é decoração poética: é o mecanismo de encerramento.

Assim, a natureza em Poe funciona como parte ativa da narrativa. Ela pressente o destino dos personagens, participa do clímax, e sela o final. O lago, que no início refletia a imagem da casa, no final a engole “as águas fecharam-se sombriamente sobre as ruínas” (Poe, 2021, p. 135). Como diz Benjamin (1984, p.38), “a concepção da história-destino ordena-se em torno da figura da morte”. A casa cai porque os irmãos caem; os irmãos caem porque a história deles chegou ao limite; e a natureza os toma de volta, como destino.

A solene simpatia revela, então, que a ruína não pertence apenas à família, mas ao mundo que ela habitava. A natureza não consola, consome. Cabe a ela fechar a narrativa, apagar o passado e devolver os Usher ao silêncio definitivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que *A Queda da Casa de Usher* ultrapassa a categoria de conto de terror para constituir um dispositivo crítico que articula forma literária, símbolo e história social. A casa, lida como corpo, máscara e centro (Chevalier, 2022, p. 247-248), condensa o esgotamento de uma linhagem que se recusou à mistura, à circulação e ao movimento. Essa recusa encena a antítese do paradigma moderno descrito por Marx, para quem o capital “se transforma em valor... em capital, em valor que se amplia” (Marx, 2023, p. 228). No universo Usher, nada se amplia: permanece apenas a forma vazia de um nome que perdeu função, prestígio sem dever, tradição sem vida.

Assim, a narrativa revelou-se uma alegoria da estagnação social diante das transformações econômicas e culturais do século XIX. O narrador, peça-chave dessa leitura, foi compreendido como olhar vacilante e testemunha histórica. Sua dificuldade em ordenar racionalmente o que observa corporifica a crise moderna da experiência, como defende Benjamim (1987, p. 198) ao afirmar que “estamos privados... da faculdade de intercambiar experiências”. Em vez de interpretar, ele registra; em vez de aconselhar, preserva a memória da queda. Essa fragilidade do olhar confirma a análise de Novaes (1988, p. 40), segundo a qual “os olhos não sabem ver”. Longe de diminuir sua importância, esse limite oferece ao relato a tonalidade melancólica de quem assiste tarde demais ao colapso.

A análise do duplo mostrou que Roderick e Madeline não funcionam apenas como personagens espelhados, mas como duas metades de uma única identidade simbólica. Para Brunel (1997, p. 261), “uma das primeiras denominações do duplo é o *alter ego*” e, no conto, a fissura que atravessa a casa projeta a cisão que os gêmeos carregam. O “dois”, símbolo de tensão e antagonismo (Chevalier, 2022, p. 404), organiza toda a narrativa: corpo e consciência; voz e silêncio; vida e morte. A tentativa de eliminar a metade indesejada, sepultando Madeline, apenas precipita o retorno do reprimido e compromete toda a estrutura familiar. Assim, o duplo funciona como metáfora da identidade social em crise, refletindo tensões históricas que atravessaram os Estados Unidos do século XIX.

Por sua vez, a natureza foi compreendida como componente ativo da narrativa, e não como cenário neutro. A leitura pela solene simpatia de Frye (1957, p.42-43) mostrou que o ambiente reage ao destino dos personagens e encerra a linhagem no gesto final: quando os irmãos tombam, a mansão se parte e o lago sela as ruínas (Poe, 2021, p. 135). Em chave alegórica, a paisagem confirma a reformulação de Benjamin (1984, p. 39) sobre a “natureza-

histórica”, em que o destino se manifesta como ruína. Assim, a queda não é acidente: é forma de aparecimento da história da própria história.

No plano sociológico, a análise mostrou que a decadência dos Usher dialoga com a ética moderna descrita por Weber (2003) fundada no trabalho, na vocação, e na responsabilidade (Weber, 2003, p. 28). Onde essa ética não encontra espaço, onde não há projeto, circulação, nem função social, resta apenas uma aristocracia ociosa, socialmente obsoleta e moralmente esvaziada. A falência moral de Roderick, ao manter a irmã sepultada viva, marca o ponto de saturação dessa ordem que se pretende eterna e que, justamente por isso, não se renova. O conto inscreve, assim, não apenas uma crise privada, mas um sintoma histórico mais amplo: a falência de um modelo social incapaz de acompanhar as transformações do século XIX.

A leitura desenvolvida conjugou o *close reading* a um conjunto teórico abrangente, incluindo simbolismo, mito do duplo, narrativa e experiência, olhar moderno, poética trágica e crítica social. Essa articulação permitiu evitar reducionismo: a casa não foi apenas “cenário”; o duplo não foi apenas “motivo”; o narrador não foi apenas “voz”. Cada elemento funcionou como índice de uma crise histórica que o conto dramatiza em forma literária.

Como limites, reconhece-se que o estudo privilegiou um recorte simbólico-social. Permanecem abertas possibilidades de aprofundamento, como a comparação com outras obras de Poe que tematizem morte e retorno, diálogos com tradições góticas europeias ou análises filológicas de traduções que modulam sentidos decisivos. Ainda assim, os resultados sustentam a hipótese central: *A queda da Casa de Usher* encena, em sua arquitetura simbólica e em sua estética da ruína, a crítica de um mundo que perde a capacidade de comunicar experiências, de trabalhar sentido e de projetar futuro.

Em última instância, a queda da casa é a queda de uma ideia de mundo. O narrador sobrevive para fixar a imagem final: “as águas fecharam-se sombriamente sobre as ruínas” (Poe, 2021, p. 135). O que resta é a memória e o trabalho da leitura. O resto, como a mansão, afunda.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BESSA, M. C. Panorama da literatura norte-americana – dos primórdios ao período contemporâneo. São Paulo: Alexa Cultural, 2008.
- BOTTING, Fred. Gothic. Londres: Routledge, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. Tradução de Carlos Sussekind et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BURKE, Peter. O Renascimento Italiano: Cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CAILLOIS, Roger. Au Coeur du fantastique. Paris: Gallimard, 1965.
- CASTEX, Pierre-Georges. Le Conte fantastique en France. Paris: José Corti, 1951.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e história literária. 9. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2006.
- CHARLOT, Monica. Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- CHEVALIER, Jean. Dicionário dos Símbolos. Trad. Manoel Silva e Arturo Rodriguez. 1º ed. Herdereditoral, 2007.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 36. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- FERNANDES, C. Narrativas góticas de fins do século XVIII. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/narrativas-goticas-fins-seculo-xviii.htm>. Acesso em 24 nov. 2024.
- FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HORSLEY, R. A. Manifest Destiny and American Expansionism. New York: HarperCollins, 2010.

KARNAL, L; PURDY, S; FERNANDES, L. E; MORAIS, M. V. de. História dos Estados Unidos – das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES JR., Raimundo. A arte do conto. Sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro 1, v. 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola, 2010.

NABUCO, Carolina. Retrato dos Estados Unidos à Luz da sua Literatura. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 2000.

NOVAES, Aduato (org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

POE, Edgar Allan. A queda da Casa de Usher. In: POE, Edgar Allan. O corvo e outros contos extraordinários. Tradução de Fábio Kataoka. Barueri, SP: Camelot Editora, 2021. p. 114-129.

_____. Eleonora. Tradução de Laura Azevedo. Paraná: Literatura Descoberta, 2019. E-book.

POENÇA FILHO, Domicio. A linguagem Literária. São Paulo: Ática, 1986.

SIERRA I FABRA, Jordi. Poe a vida brilhante e sombria de um gênio. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 2011.

TODOROV, Tzvetan. Introdução a Literatura Fantástica. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução M. Irene de Q.F.- 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.


Sítios eletrônicos:

LITERAR. Disponível em: <<https://literar.org/>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

VAX, Louis. Arte e a Literatura fantástica. São Paulo: Cultrix, 1960.

ANEXOS

ANEXO A – Declaração de inexistência de plágio.


UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Avenida Oceânica nº 40, FIMB, 40120-900 Salvador, Bahia, Brasil, CEP: 41208-90
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Ione Lima dos Santos Rodrigues, estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado A Sociedade Norte-americana do século XIX Sob a Ótica de Edgar Allan Poe: Uma (RE)Leitura de A Queda da Casa de Usher é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 13/01/2026.

Documento assinado digitalmente
goub
IONE LIMA DOS SANTOS RODRIGUES
CPF: 022.010.351-00
Assinatura em https://lattes.cnpq.br/062010351

Discente - matrícula

ANEXO C – ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Av. Ademar de Barros s/nº, CEP: 41.100-000, Recôncavo das Neves, 44.000-000
 Departamento de Ciências Humanas - DCH - Campus VI - Coaraci
 Colegiado de Letras com habilitação em Língua Inglesa e Literaturas

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC


Às dezenove horas do dia vinte e dois de dezembro de dois mil e cinco, por meio da plataforma digital Microsoft Teams, reuniram-se os membros da banca examinadora para a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **IONE LIMA DOS SANTOS RODRIGUES**, como requisito obrigatório para a obtenção do título de **LICENCIADA EM LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**.

O referido Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado "**A SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX SOB A ÓTICA DE EDGAR ALLAN POE: UMA RELEITURA DE A QUEDA DA CASA DE USHER**" foi orientado pela professora **Sigríd Rochele Gusmão Paranhos Magalhães**.


Após a apresentação oral do trabalho, seguida da arguição e das considerações da banca examinadora, o trabalho foi considerado **aprovado**, obtendo a nota final **9,5 (nove e meio)**.

Nada mais havendo a tratar, eu, professora **Sigríd Rochele Gusmão Paranhos Magalhães**, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.


Cactiá, 22 de dezembro de 2025.



Documento assinado digitalmente
Sigríd Rochele Gusmão Paranhos Magalhães
 Presidente – Orientadora



Documento assinado digitalmente
Aline Alves Teixeira
 Examinadora



Documento assinado digitalmente
Luis Roberto Resende dos Santos
 Examinador

Av. Ademar de Barros, s/nº - Bairro São José - Coaraci / Bahia - CEP: 44.000-000 - Fone: (77)3454.2021/1742 - Bairro 224
 e-mail: colegiados@uneb.br | www.uneb.br